

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1. ad. Curt
S. 9. 10
3460

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA



A postura ética vegetariana frente à contemporânea exploração
dos animais não humanos

LUANA BITTAR MOREIRA GOMES

3460
S.9(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Fone 38400.902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

LUANA BITTAR MOREIRA GOMES

**A POSTURA ÉTICA VEGETARIANA FRENTE À CONTEMPORÂNEA
EXPLORAÇÃO DOS ANIMAIS NÃO HUMANOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito final à obtenção do
título de bacharel em História.

Orientadora: Profa. Dra. Karla A.
Bessa.

Uberlândia
2006

LUANA BITTAR MOREIRA GOMES

**A POSTURA ÉTICA VEGETARIANA FRENTE À CONTEMPORÂNEA
EXPLORAÇÃO DOS ANIMAIS NÃO HUMANOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito final à obtenção
do título de bacharel em História.

Uberlândia, 03 de outubro de 2006

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Karla Adriana Bessa

Prof. Dr. Alcino Eduardo Bonella

Prof. Dr. Hermetes Reis Araujo

Agradecimentos

Posso dizer que a feitura deste trabalho é obra exclusiva minha, desde a pesquisa, as leituras, a escrita e a formatação. No entanto várias pessoas têm de ser lembradas por sua ajuda indireta. Dos professores do Curso de História, agradeço ao Alcides e à Kátia, por terem sido aqueles que mais me instigaram e me provocaram. À Sheile, por me enxergar professora; ao Hermes por me apoiar, me ouvir e por elogiar minhas palavras; à Karla, por me puxar para a realidade, pelas críticas e pela paciência. Ao filósofo Alcino Bonella, meu referencial aqui na UFU, aquele que realmente já tinha contato com a discussão que proponho, agradeço por sempre mostrar interesse pelo meu trabalho, e sempre estar disposto a me ajudar. À professora Sônia Felipe que, mesmo sem saber - com toda sua propriedade ao falar, todo seu charme filosófico, todo seu empenho - resgatou em mim a vontade de pesquisar, pela vida toda.

Por me despertar para a causa em prol dos animais e para o vegetarianismo, agradeço ao Diogo, que há alguns anos me perguntou como podia eu amar uns e comer outros. Também a todo o núcleo punk daquela época, o Ateu, o Plebeu, o Beijo, a Tais e o Geléia.

Mais do que nunca, agradeço à Andréa, minha terapeuta, por martelar há anos sobre toda a capacidade que tenho. À minha mãe, por já ter um dia me mostrado o que é ser uma mulher decidida, com garra e vontade. Ao meu pai, por se exemplo de que não precisamos enriquecer para sermos felizes. À minha maninha, minha amiga e companheira, por existir, por ouvir minhas intermináveis histórias, por compartilhar das minhas idiotices e palhaçadas. Finalmente, e especialmente, agradeço à Triscka, por não me abandonar, por perceber meus altos e baixos, por me rodear, por ser meu amor.

Sumário:

Introdução.....	8
Capítulo 1. A inclusão dos animais em nossa esfera moral.....	15
Capítulo 2. Ativismo, denúncia e transformação.....	37
Conclusão.....	52
Referências.....	54

Resumo

A presente monografia intenta uma discussão a respeito da relação que se estabelece entre homem e Natureza, mais especificamente, os meandros culturais e éticos acerca do 'convívio' contemporâneo de animais humanos e animais não humanos. Para tal, está embasada em diferentes considerações teóricas, cada qual a seu modo, propondo reflexões sobre os direitos do homem sobre a natureza e sobre os animais e, especialmente, os direitos que têm os animais. Os animais têm consciência de si e de suas vidas, além de experimentarem sensações de prazer e dor e, mesmo assim, nós os exploramos das mais cruéis maneiras possíveis.

Por mais que pensemos em algum exemplo, é difícil encontrar um contato entre homem e animal que não tenha valor instrumental, que se dê pelo simples contato. Nós os comemos, os vendemos, os testamos, fazemos nascer para matá-los e usarmos suas peles.

Neste contexto, de discussões éticas sobre ações cotidianas, as análises aqui colocadas inserem-se nos questionamentos referentes à posição do ser humano no mundo e ao modelo político e econômico que adotamos. Também, introduz-se uma reflexão a ser feita no singular, feita já por muitos - cada um a seu tempo, individualmente. Que tipo de vida *eu* adoto? Que contribuição *eu* dou para a degradação do planeta e para a escravidão animal?

Introdução

O presente trabalho intenta a reflexão – e a provocação - acerca de uma das práticas mais comuns do ser humano: comer carne. Mais precisamente o consumo de outros animais, já mortos e devidamente limpos e embalados.

É possível, me pergunto, que todas (as pessoas) estejam participando de um crime de proporções inimagináveis? (...) As próprias pessoas, de quem desconfio, produzem provas, exibem as provas para mim, me oferecem. Cadáveres. Fragmentos de corpos que compraram com dinheiro. É como se eu fosse visitar amigos, fizesse algum comentário gentil sobre um abajur da sala e eles respondessem: Bonito, não é? Feito de pele judaico-polonesa, é o que há de melhor, pele de jovens virgens judaico-polonesas.¹

Elizabeth Costello é a contundente personagem de J. M. Coetzee, tida por muitos como seu pseudônimo, é ela a vociferar as linhas acima, é ele a fazer a comparação entre o holocausto nazista vivido pelos judeus há mais de 50 anos e o massacre contemporâneo que nós humanos impetramos a milhões de animais. Coetzee defende os direitos dos animais não humanos, através da literatura e baseado na idéia de Ética. Ele pensa as ações dos homens, analisa suas posturas e nos faz refletir a respeito de conceitos de certo e errado. A partir de suas reflexões, iniciaremos uma discussão fundamental para o entendimento da proposta que estrutura este trabalho – a saber, discutiremos as questões éticas e culturais que permeiam este aspecto central das sociedades contemporâneas: a relação homem/animal/meio ambiente. Antes disso, no entanto, faz-se necessária uma primeira análise sobre a questão da ética nos dias de hoje.

Viver de forma ética implica, necessariamente, pensar no Outro; pautar as ações além dos interesses individuais ou de grupos parciais. Não há como justificar uma conduta – mesmo que ela siga os padrões morais convencionais – baseando-se unicamente na vontade e no bem de alguns; ao contrário, somente uma justificativa que põe igual peso aos interesses individuais e aos coletivos pode ser aceita para conferir status de ética a uma dada conduta. Alguns filósofos falam de um “espectador imparcial”, o qual deve ser ‘consultado’ quando de uma tomada de posição; seria o ponto de vista distanciado da questão, o buscar por uma ‘lei universal’ – em oposição a

¹ COETZEE, J.M. **A vida dos animais**. p. 82-83.

uma 'lei individual'. Há de ficar claro que esse aspecto universal da ética não indica que um determinado juízo ético deva obrigatoriamente encontrar aplicação universal. As concepções filosóficas de ética são muitas e, geralmente se atém bastante ao campo das idéias, às conjecturas, ao etéreo. No entanto, a ética diz respeito ao mundo real, às nossas escolhas diárias, por mais banais e habituais que pareçam; a esses estudos acerca das decisões cotidianas pode-se denominar Ética Prática ou Ética Aplicada.

É neste contexto que se insere o grande volume de publicações atuais sobre ética _ ou a capitalista falta de ética; o profundamente impactante desenvolvimento das forças produtivas, acentuado no decorrer do século XX trouxe para o centro das discussões teóricas o papel do homem no mundo como ser predatório ainda que racional. O mundo humano se expandiu sem que se preocupasse com o mundo natural. A população cresce desenfreadamente, assim como as cidades, as indústrias, as usinas hidrelétricas, as plantações em monocultura, a pecuária extensiva, a poluição em geral e o desmatamento. Surge o medo, ainda bastante restrito a ambientalistas, de ultrapassarmos os limites de capacidade de suporte do Planeta Terra. Esse limite está relacionado com o número de pessoas habitantes da Terra e com a quantidade de energia e de outros recursos utilizados e desperdiçados por cada um habitante. Cabe, aqui, fazer uma ressalva: ao relacionarmos o crescimento demográfico com os problemas ambientais, há de se saber que não é o simples crescer da população o ponto focal da discussão. As conseqüências desse aumento de habitantes ligam-se diretamente ao atual padrão de consumo adotado e procurado por todos. George Martine, critica tais conclusões simplistas que, vez ou outra, fazem recair a culpa da "chegada" ao limite de suporte do planeta sobre os países pobres subdesenvolvidos. Em sua análise, mostra a necessidade de adotar-se agendas ambientais específicas para os países desenvolvidos e para os em desenvolvimento; bem como a compreensão da hierarquia dos problemas ambientais, afim de atacá-los sistematicamente. Com base nessa hierarquia, põe-se clara a dificuldade na manutenção do modelo de desenvolvimento adotado; visualiza-se, também a real - e enorme - parcela de culpa dos países já desenvolvidos. Quanto aos subdesenvolvidos,

o aumento do consumo é almejado por todos pois este representaria uma melhoria nos níveis de bem-estar da população, dados os atuais padrões de desenvolvimento. Mas o modelo de desenvolvimento que eles procuram emular

*é essencialmente consumista e degradador; além do mais, a tecnologia que lhes é acessível é inevitavelmente mais atrasada e poluidora.*²

Seguindo esse caminho de ampliação das discussões acerca da não preocupação ecológica do modelo capitalista e neoliberal e, em contraposição, a busca por alternativas sustentáveis; faz-se uma série de encontros e congressos e mesas de debate com geógrafos, economistas, biólogos, agrônomos... A tentativa é de confrontar diferentes perspectivas, propor ações baseadas na realidade que se apresenta, com a posterior checagem e análise da prática ocorrida. O livro "Brasil século XXI - os caminhos da sustentabilidade cinco anos depois da Rio-92."; é o documento apresentado no XII Encontro Nacional do Fórum brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o meio ambiente e o desenvolvimento, ocorrido em Brasília, no início de 1997. É um amplo documento, ressaltando desde problemas ambientais como desertificação e biodiversidade; também os assentamentos urbanos, os povos indígenas, as instituições de financiamento e o papel da ONU. Uma crítica importante feita no encontro, diz respeito aos usos e abusos do termo "sustentabilidade"; hoje todos clamam por um desenvolvimento sustentável, e essa idéia muitas vezes é apropriada pelos atores da 'situação' - grandes empresários com seus discursos economicistas. Faz-se preciso atentar para os interesses internos de cada classe, sob que ótica cada uma delas entende "sustentável". Um outro trabalho desenvolvido pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de Rio de Janeiro, intitulado "Brasil 21: uma nova ética para o desenvolvimento", percorre um caminho parecido; fala-se dos problemas do modelo "predatório e excludente", mostra a via próspera do desenvolvimento sustentável e as políticas adotadas nesse sentido. Há, inclusive, um capítulo dedicado à enumeração das medidas necessárias para a construção de "A cidade auto-sustentável". São dez as medidas e nenhuma delas - todas enfocando a sustentabilidade, e bastante oportunas na solução de alguns dos principais problemas ambientais do nosso tempo - sequer menciona os problemas gerados pelo alto consumo de produtos de origem animal. Mesmo se enfocarmos a exploração de animais não humanos para fins somente alimentares, esta se relaciona de forma antagônica com o equilíbrio ecológico; também com uma eficiente economia mundial - considerando-se o volume imenso de grãos

² MARTINE, G. **População, meio ambiente e desenvolvimento**. p. 26.

dados a esses animais para engorda desfavorecendo àqueles animais humanos que não têm o que comer.

No cerne de todas as conseqüências dessa exploração está a prática humana mais condenável - a flagrante violação dos interesses dos animais não humanos. Com tais prerrogativas, estendem-se os argumentos com base ética para a adoção do vegetarianismo como ação moral individual na luta em defesa de um mundo justo e equilibrado. Assim o faz Miguel Moutinho no artigo "O vegetarianismo como obrigação ética"³, no qual demonstra o porquê desse dever ético sob três diferentes enfoques: o respeito aos animais não humanos, a preservação do meio ambiente e, a opção por um sistema de produção alimentar economicamente viável.

As questões acima envolvem toda uma gama de debates éticos presentes na atualidade; no entanto, para esta pesquisa, delimitar-se-à à busca por respaldo teórico e racional para confirmação da importância da questão dos direitos dos animais não humanos. Uma proposição extravagante e supérflua aos olhares leigos e que, no entanto, conecta-se a inúmeros colóquios atuais. Dessa forma, discorrer sobre a validade do assunto, sua importância na 'procura' acadêmica pelo entendimento da vida e das relações contemporâneas.

*Como é possível que alguém perca o seu tempo tratando de igualdade dos animais, quando a verdadeira igualdade é negada a tantos seres humanos? Essa atitude reflete um preconceito popular contra o fato de se levarem a sério os interesses dos animais – um preconceito tão infundado quanto aquele que leva os brancos proprietários de escravos a não considerarem com a devida seriedade os interesses de seus escravos africanos. Para nós, é mais fácil criticar os preconceitos de nossos avós, dos quais os nossos pais se libertaram. É mais difícil nos distanciarmos de nossos próprios pontos de vista, de tal modo que possamos, imparcialmente, procurar preconceitos entre as crenças e os valores que defendemos. O que se precisa, agora, é de boa vontade para seguir os argumentos por onde eles nos levam, sem a idéia preconcebida de que o problema não é digno de nossa atenção.*⁴

O trecho acima, no qual o filósofo Peter Singer destaca o preconceito enfrentado por defensores dos direitos dos animais é aqui acrescentado somente para alertar aqueles que têm, com essa leitura, seu primeiro contato com a causa em questão, aqueles que

³ MOUTINHO, M. O vegetarianismo como obrigação ética.

⁴ SINGER, P. Ética prática. p. 66.

não estão habituados a entender animais não humanos como sujeitos com interesses a serem respeitados. Para além disso, ao falar de preconceito, Singer está especialmente referindo-se ao que é impetrado aos próprios animais; usando de uma comparação talvez chocante – os escravos negros – ressalta seu propósito: a libertação animal.

Como já foi ressaltado, nossos padrões de consumo são “exagerados”, seja para suprir as deficiências nas relações sociais, ou para calar os lampejos do inconsciente, para esquecermos que não mais somos, preencher qualquer vazio existencial... para esses e outros males: consumimos – sexo, roupas, eletrodomésticos, carros, enlatados televisivos, móveis e imóveis, drogas lícitas e ilícitas; e, comida – nunca se comeu tanto, a porcentagem de obesos aumenta a níveis alarmantes. Há reportagens pululando semanalmente, alertando os já viciados sobre os perigos do exagero, os donos do ‘fast food’, do enlatado, do industrializado.

Se pararmos para pensar, há componentes animais em quase tudo industrializado que se come; Os próprios animais, hoje, são industrializados. Não nos enganemos imaginando cenários bucólicos, galinhas ciscando na terra da fazendinha, patos se banhando num laginho á esquerda, o senhor Oscar tirando leite da Mimosa, sua única vaca. Esses produtos – sim, produtos, a galinha, o pato e a vaca; não são vistos como seres vivos sensíveis à dor, são cortes de músculo e gordura, são patê, são bife – são criados e abatidos em locais industriais, inseridas na cidade, em prédios verticais, galpões tecnologicamente planejados para atender a um mercado de consumo em larga escala.

Quem nos deu tal direito de uso sobre os outros animais? Nossa capacidade reflexiva? Deus? Será ético aprisionar milhões de animais por que nos disseram que precisamos ingerir seus nutrientes? Será certo fazê-lo por uma tradição? Ou simplesmente para agradar nosso paladar?

Há de se esclarecer que as formas de exploração as quais submetemos os animais são muitas – são eles explorados nos circos, nos rodeios, nas vaquejadas, nas touradas, em inúmeras experiências científicas, para a venda de peles e de seu couro, estão puxando as carroças emplacadas pelas prefeituras, estão pondo ovos dia e noite, tem suas tetas sugadas por estranhas máquinas, são exibidos em zoológicos - incontáveis formas de opressão. Aqui, será dada ênfase àquela responsável pela indústria da carne: a escravização para fins alimentares. Como ficará claro, os princípios éticos discutidos, sustentam a crítica a todas as outras finalidades da exploração.

Com a intenção de demonstrar a importância e a validade desse assunto para a História, fundamenta-se a pesquisa nas atuais questões políticas e ecológicas. Apoiando-se metodologicamente nos preceitos da transdisciplinaridade, conceito em voga no momento, mas que simplesmente nos relembra da rede intrincada de conexões – seja rede do mundo real, seja rede do mundo das idéias. Além disso, o que torna mais fascinante o estudo de História é aperceber-se das infinitas possibilidades que essa área do conhecimento nos dá; a História é, abarca – assim que o desejar – todas as outras áreas, especialmente àquelas das Ciências Humanas. Dessa forma, mesmo ao elevar os animais não humanos a foco dessa discussão, trata-se sim do fazer e entender História.

O caminho a ser seguido, a partir daqui, é o aprofundar-se nas teorias éticas de Peter Singer, assim como uma justa apresentação desse autor e de seus precursores, Jeremy Bentham e Humphry Primatt. Com isso e baseando-se em pesquisadores como Keith Thomas e Norbert Elias, responder às questões acima feitas e compreender a relação estabelecida entre homem e animal sob uma perspectiva histórico-filosófica e cultural; ressaltando a relevância social e acadêmica do tema. Já no segundo capítulo, a intenção é mais prática; relatando e analisando o conteúdo das palestras assistidas no decorrer do Iº Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, quer-se experimentar o contato com esses ativistas, pensadores de várias áreas que se dedicam a refletir sobre as ações humanas, suas conseqüências para os animais e a legitimidade deste tema. Já foi dito que a concentração do debate estaria na indústria da carne, todavia, no segundo capítulo dar-se-á atenção às discussões relativas ao uso de animais em experimentos – nas faculdades e nos laboratórios. Dado o volume e a densidade de tais discussões no congresso, não se poderia deixar de expor as críticas mais contundentes a essa forma de exploração talvez mais cruel e brutal que qualquer outra.

Pois toda a observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível; e é sabido que, uma vez aprendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira.⁵

⁵ THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. p. 62.

A inclusão dos animais em nossa esfera moral

Discriminação e preconceito. Vê-se, cotidianamente, repetidos exemplos da dificuldade humana na aceitação e no entendimento do Outro. É assim com os índios, com os negros, com as mulheres, com os homossexuais, com os pobres, com os animais. O presente trabalho dedica-se à reflexão acerca de diversos estudos teóricos e científicos relacionados à defesa dos últimos dessa lista – os animais não humanos, os últimos na escala de preocupação da maioria de nós, dos governos e, até mesmo, de muitos daqueles combatentes em favor do “mundo natural”. Refiro-me à questão, talvez ainda pouco visível, mas de igual importância para a compreensão da atual sociedade industrial na qual vivemos; a luta em defesa de todos os animais – não somente os queridos cãezinhos ou os extintos micos, também, (e talvez especialmente) os que são simplesmente carne, os que nascem e morrem para serem comidos. Dessa forma, tentar contribuir para o debate acadêmico a respeito da relação contemporânea estabelecida entre animais humanos e animais não humanos, problematizando e suscitando um olhar crítico para nossos hábitos que, de tão cotidianos, não percebemos mais a violência que o cerca.

Como, ainda hoje, sofrem discriminação muitos seres humanos aos quais os direitos estão assegurados, legalizados, o debate acerca dos direitos dos não humanos é visto como “perfumaria”, egoísmo, utopia e insensibilidade tanto em foros acadêmicos, como pelo senso comum. Especialmente no Brasil, talvez por sua ‘posição’ no capitalismo mundial, de provedor de carnes e rações. Já na Europa a discussão e conscientização estão deveras avançadas, há medidas concretas tais como a necessidade de haver, em todos os produtos, especificações relativas à presença de compostos animais ou a testes laboratoriais realizados em cobaias, afim de que o consumidor faça uma escolha consciente daquilo que ingere. Não obstante, tentar-se-á mostrar que esse assunto está para a ‘perfumaria’ hoje, assim como, provavelmente, os estudos sobre cultura e mentalidades estiveram algumas décadas atrás.

Os historiadores ainda não despertaram para a questão da exploração animal, muitas vezes dizendo-se que ‘os animais não têm história, não são sujeitos históricos’. Não é pretensão desta monografia dissecar esses específicos tópicos; nesse primeiro momento, deve-se entender simplesmente que a nossa relação com os animais é

histórica, mudou e está mudando. Nunca os animais foram tão objetificados, tão menosprezados os seus sentidos, tão cruelmente tratados; mas ao mesmo tempo, nunca se discutiram tanto os seus interesses, suas capacidades e, principalmente, os seus direitos. Fica clara, assim, a importância de um capítulo dedicado ao estudo teórico de pensadores da relação homem/animal; uma ‘iniciação’ ao debate. Os filósofos, especialmente os da Ética, têm lugar de destaque, uma vez que trabalham teórica e racionalmente a inclusão dos animais em nossa esfera de preocupações.

Peter Singer e Tom Regan são hoje os pesquisadores mais expoentes do movimento de libertação animal. Seus primeiros textos a esse respeito datam da década de setenta do século passado, quando ressurge a discussão filosófica e política dos direitos dos animais. Não estavam sozinhos; Richard D. Ryder e Andrew Linzey, estudantes e colegas de Singer em Oxford, também dedicam suas pesquisas a esse respeito. Esses estudos e todo o movimento ético dali desencadeado baseiam-se fundamentalmente nas argumentações filosóficas de Humphry Primatt e Jeremy Bentham.

Humphry Primatt, mestre em Artes e doutor em Teologia, escreveu em 1776 seu único livro – *A Dissertation on the Duty of Mercy and the Sin of Cruelty against Brute Animals* – na Inglaterra. Nesse livro, discorre sobre a moral antropocêntrica vigente, preconceituosa e discriminadora, uma suposta ética que protege e exalta somente os humanos. O trabalho deste teólogo estava esquecido; não fosse pela pesquisa detalhada da filósofa catarinense Sônia Felipe, nós brasileiros não teríamos contato com tais reflexões. No artigo intitulado “Fundamentação ética dos direitos animais: o legado de Humphry Primatt.”, Sônia Felipe discorre sobre as teses que embasam a convicção de Primatt da necessidade de extensão do estatuto moral dos humanos aos animais não humanos.

“Desviados por esse preconceito, construído a nosso favor, ignoramos alguns animais, como se fossem meras excrescências da natureza, aquém de nossa atenção, e infinitamente não dignos de cuidados e reconhecimento divinos; outros, consideramos como se feitos apenas para nos prestar serviços; e, por poder usá-los, somos indiferentes e descuidados com relação à sua felicidade ou miséria, e com

muita dificuldade nos permitimos supor que exista qualquer dever que nos obrigue em relação a eles”⁶

O argumento central de Primatt refere-se à experiência da dor; a dor é algo necessariamente ruim para aquele que a sente, não importando quaisquer diferenças físicas ou biológicas envolvidas. Se um ser é dotado de sensibilidade e consciência – sente dor, física ou mental – é absolutamente errado causar-lhe tal mal; ainda, se temos essa preocupação com apenas alguns membros do reino animal, isso é preconceito. Ao longo de seu texto, desenvolve teses embasando a noção de universalidade dos princípios de não-maleficência e beneficência – a dor é intrinsecamente má para aquele que a sente, independente de suas condições sociais ou econômicas, de seu intelecto, linguagem ou razão, ou de qualquer peculiaridade em sua aparência. Constata que os conceitos de tradição e de ética não necessariamente estão relacionados, e delega responsabilidade àqueles com funções públicas, àqueles estudados, com acesso à filosofia, ao direito e às artes – esses têm o dever moral de lutar contra qualquer discriminação ou violência contra os animais.

Jeremy Bentham que, além de filósofo era jurista e economista, funda a corrente filosófica utilitarista. O Utilitarismo é uma doutrina ética segundo a qual uma ação é certa quando traz mais benefícios à coletividade e é errada ou má quando trouxer menos ou nenhum benefício ao todo. É na identificação de interesses de cada um e da coletividade que se encontra a solução para a cooperação entre os homens; por esse motivo determina os conceitos de prazer e de dor como aqueles a serem considerados. *“A primeira lei de natureza, para Bentham, consistiria em buscar o prazer e evitar a dor, sendo necessário para alcançar tal escopo que a felicidade pessoal fosse alcançada pela felicidade alheia.”⁷*

Bentham afirma que é no mundo empírico que constatamos a utilidade de uma instituição ou de uma ação, os efeitos reais produzidos. Sendo obrigação do legislador buscar a maior felicidade para um maior número de pessoas, através de uma equação hedonista, uma soma dos prazeres e dores dos indivíduos.

Bentham, em 1789, publica *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, livro em que desenvolve os conceitos de sua doutrina e retoma as teses de

⁶ PRIMATT, H. apud FELIPE, S. **Fundamentação ética dos direitos animais**. p.212.

⁷ FREITAS, J. **As grandes linhas da filosofia do direito**. p. 44.

Primatt, cobrando coerência dos sujeitos morais e determinando a capacidade de sentir dor como a primeira a ser considerada para a inclusão de um dado ser em nossas preocupações éticas.

*Poderá existir um dia em que o resto da criação animal adquira aqueles direitos que nunca lhe poderiam ter sido retirados senão pela mão da tirania. Os franceses descobriram já que a negrura da pele não é razão para um ser humano ser abandonado sem mercê ao capricho de um algoz. Poderá ser que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a forma da extremidade do os sacrum são razões igualmente insuficientes para abandonar um ser sensível ao mesmo destino. Que outra coisa poderá determinar a fronteira do insuperável? Será que a faculdade da razão, ou talvez a faculdade do discurso? Mas um cavalo ou um cão adultos são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que uma criança com um dia ou uma semana ou mesmo um mês de idade. Suponhamos que eram de outra forma – que diferença faria? A questão não é: Podem eles raciocinar? nem: Podem eles falar? mas: Podem eles sofrer?*⁸

A ‘fronteira do insuperável’ é aquela que determina se os interesses de um ser devem ser considerados, e a crítica aos que colocam essa fronteira na capacidade racional ou de linguagem não é simplesmente por terem escolhido a característica errada, é por desconsiderarem arbitrariamente o vital interesse de não sofrer – “a capacidade de sofrer é um pré-requisito para se ter sequer interesses”.⁹

A influência de Primatt e Bentham nos estudos éticos de Peter Singer¹⁰ é incontestável, especificamente na idéia de que a ética não será profunda e completa enquanto não abarcarmos nela todos os seres passíveis de dor e prazer. No trecho abaixo, fala do Princípio de Igual Consideração de Interesses:

⁸ BENTHAM, J. apud SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 7.

⁹ BENTHAM, J. apud SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 7.

¹⁰ Peter Singer é filósofo utilitarista, seguidor de Jeremy Bentham; apóia a idéia de uma ética prática, um cair do mundo das idéias, o pensar em ética nas relações cotidianas, sendo nesta esfera que encontramos os dilemas mais importantes e relevantes sobre os quais devemos refletir e nos posicionar. É australiano, mas mora hoje nos Estados Unidos, lecionando em Princeton. Em seus vários livros sobre ética não é tema exclusivo os animais, escrevendo também a respeito da eutanásia, do aborto, da responsabilidade dos ricos perante os pobres. Em um de seus livros, por exemplo, – “One World” - reflete sobre a globalização, propõe o pensar global – que deve acompanhar a economia globalizada. Por seus argumentos polêmicos, e muitas vezes mal interpretados, já foi proibido de palestrar na Alemanha e já foi dito na mídia como defensor de estupradores e assassinos. É autor do mais lido e celebrado compêndio sobre os animais, o livro “Libertação Animal”; escrito em 1975, no qual descreve as barbaridades vividas por animais de granja e por animais cobaias de experimentos, além de embasar profundamente suas teorias a respeito do assunto.

a essência do princípio da igual consideração significa que, em nossas deliberações morais, atribuímos o mesmo peso aos interesses semelhantes de todos os que são atingidos por nossos atos. (...) eis a que o princípio realmente equivale: um interesse é um interesse, seja lá de quem for esse interesse.¹¹

Singer entende interesse de uma forma ampla, definindo-o como tudo aquilo que se deseja; sendo assim, o princípio deve ser aplicado a qualquer um que tenha interesses. Uma criança, por exemplo, tem interesse em não ser chutada; já uma pedra não, assim, não há porque aplicar à pedra qualquer princípio de consideração.

Fica claro que, se estamos preocupados em pautar nossas vidas e ações de forma ética, não o faríamos considerando um grupo e desconsiderando um outro – fazendo ou não parte de nossa esfera social, nossa raça, nosso país; todos têm direito à igual consideração de seus interesses. Singer dedica uma longa parte de sua discussão a essa premissa, uma vez que ao “dissecar” a idéia de igual consideração de interesses, não há como o leitor – imaginando que esse prime por uma conduta ética nas suas relações sociais - negar a linha de raciocínio apresentada.

Uma vez provada a coerência da extensão do princípio da igual consideração aos animais não humanos, Peter Singer determina àqueles que insistem na exclusão, a condição de *especistas*. Especismo – conceito criado por Richard D. Ryder, usado pela primeira vez em 1973, em analogia ao racismo e ao sexismo – consiste no preconceito baseado na espécie. É o favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos membros de outras espécies, especificamente praticado pelos seres humanos, rebaixando o estatuto moral dos outros animais por esses não apresentarem uma configuração biológica e estética igual a dos humanos.

Os racistas violam o princípio da igualdade, atribuindo maior peso aos interesses dos membros da sua própria raça quando existe um conflito entre seus interesses e os interesses daqueles pertencentes a outra raça. Os sexistas violam o princípio da igualdade ao favorecerem os interesses do seu próprio sexo. Da mesma forma, os especistas permitem que os interesses da sua própria espécie dominem os interesses maiores dos membros das outras espécies. O padrão é, em cada caso, idêntico.¹²

¹¹ SINGER, Peter. *Ética prática*, p. 30.

¹² SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 8.

O filósofo não está a dizer que somos iguais aos animais e que devemos dar um idêntico tratamento a um animal humano e a um animal não humano. Da mesma forma que um jurista, quando diz que somos – homens e mulheres, por exemplo – iguais e temos os mesmos direitos, não afirma que homens e mulheres são idênticos; ele sabe da diferenças existentes, cada ser humano é um ser único, com traços físicos, capacidades éticas e mentais únicas. Não cometeria o erro de, por terem direitos iguais, encaminhar um projeto de lei a respeito do aborto masculino, seria um disparate. Singer não está reivindicando o direito de voto dos animais não humanos, ou a adoção de carteira de trabalho para os animais das granjas. Há de ficar claro que uma igual consideração dos interesses não implica em um igual tratamento dos seres. Como ele mesmo diz: *“O princípio básico da igualdade não requer um tratamento igual ou idêntico; requer consideração igual. A consideração igual para com os diferentes seres pode conduzir a tratamento diferente e a direitos diferentes”*.¹³

A enorme maioria dos seres humanos é especista, e nunca viu nada de errado nisso. Ao comprar carne no açougue, ir ao circo com os filhos, ao usar um sabonete cheiroso... São incontáveis os hábitos cotidianos que revelam, um a um, nossa herança especista. Mesmo se questionados, a primeira atitude é de negação, através dos mais diferentes e não embasados argumentos; a exploração dos outros animais está de tal forma enraizada em nosso pensamento que a tomamos como verdade inquestionável - ao longo destes escritos ficará claro o quão questionável pode ser essa ideologia do animal dominante.

*Se conseguirmos compreender que as gerações passadas aceitaram como atitudes correctas e naturais aquilo que, para nós, são disfarces ideológicos de práticas que visam a satisfação de fins próprios – e, se, ao mesmo tempo, não pudermos negar que continuamos a utilizar animais para servir nossos interesses menores, violando os seus interesses maiores – podemos ser levados a adoptar uma perspectiva mais céptica relativamente às justificações das práticas que nós próprios tomamos como correctas e naturais.*¹⁴

Singer propõe, no quinto capítulo de *Libertação animal*, que se reavalie essa tradição; tentando minar a coerência das atitudes atuais ao desvelar suas raízes

¹³ SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 2.

¹⁴ SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 174.

históricas - se já abandonamos muitas das premissas passadas, há de se repensar, ao menos, o ato de comer animais. Ele se atém ao pensamento ocidental, por entender que as idéias do ocidente, ainda hoje, determinam a maneira de pensar da maior parte das sociedades humanas.

as atitudes ocidentais para com os animais têm raízes em duas tradições: a judaica e a da Antiguidade Grega. Estas raízes reúnem-se no cristianismo e é através do cristianismo que se tornam predominantes na Europa. Há uma perspectiva mais iluminada de nossas relações com os animais que emerge apenas gradualmente, a medida que os pensadores começam a tomar posições relativamente independentes da Igreja, e, em certos aspectos fundamentais, ainda não nos libertamos das atitudes que foram aceites na Europa de forma inquestionável até o século XVIII..¹⁵

A partir daí, divide o capítulo em três seções: pensamento pré cristão, cristão e o Iluminismo e após este. Em cada uma das partes escolhe fontes determinadas pela influência marcante, tanto na época como ainda nos dias atuais. Faz-se importante repassar mais pormenorizadamente essas análises de Singer, por seu conteúdo histórico. Com incontestável imponência, o Gêneses da Bíblia é seu primeiro exemplo:

Deus disse: ‘ Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra’. Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; e criou-os homem e mulher. Deus abençoou-os e disse-lhes: ‘ Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra.’¹⁶

Somente o fato de ser o homem o único criado à semelhança divina, já o separa, o descola da Natureza, dá a ele condição especial no universo, e como fica claro na seqüência, dá-lhe poder sobre todos os outros seres. Numa seguinte passagem do Gêneses, fica subentendido que, no Éden, esse domínio do homem era pacífico, comiam ervas e frutos, não cabendo morte num cenário tão idílico. No entanto, a paz logo acaba; o homem é expulso do Paraíso – interessante perceber a quem a Bíblia culpa: uma mulher e um animal – e, a partir daí, fica permitido matar animais. Deus mesmo, antes

¹⁵ SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 174.

¹⁶ GÊNESES. 1:24-28 apud SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 176.

de expulsar Adão e Eva, os veste com peles de animais; Noé, após o Dilúvio, queima animais em oferenda, agradecendo o fim da provação – Deus o abençoa concedendo a permissão final para o completo domínio do homem: *“Tudo o que vive e se move servir-vos-á de alimento. Entrego-vos tudo, como já vos havia entregue os vegetais.”*¹⁷

O homem está no topo da criação divina, há um imensurável abismo que o separa do resto, tudo está ali para sua satisfação e liderança; perante tamanho aval é fácil compreender o porquê da dificuldade em imaginar-se como simples parte de um todo. Apesar de haver alguns capítulos, na Bíblia, que exaltem o domínio como sinônimo de cuidado para com o resto da criação, e repreendam os excessos de crueldade, não há nada que tire o homem da situação de privilégio concedida por Deus, nada que proíba matar e comer outros animais. Vale lembrar que o próprio Deus, no Antigo Testamento é um tanto tirânico, ensinando através do castigo, da fome, do abandono e da morte.

Além da herança judaica, a tradição grega exerce imensa influência no cristianismo – que é quando se difunde realmente, por toda a Europa o poder incontestável do homem. Da tradição grega, Singer “escolhe” Aristóteles, o proeminente discípulo da escola de Platão – a mais importante e estudada até hoje.

Apesar de afirmar que o homem é um animal - o animal racional – Aristóteles estabelece uma separação profunda entre seres humanos e animais não humanos. O filósofo acredita que a capacidade de raciocínio é definidora de hierarquia – mesmo na relação entre humanos. Era favorável à escravidão, julgando que alguns homens eram escravos por natureza, sendo inferiores aos homens livres em capacidade de raciocínio. Considerava-os como “instrumentos vivos” – o escravo era alguém que *“apesar de ser homem, se converte numa propriedade”*¹⁸. É fácil imaginar a postura de Aristóteles em relação aos animais; se ele acreditava que a capacidade de raciocínio era o determinante entre os humanos, de quem é senhor e quem é propriedade, a mesma regra deveria ser seguida em relação aos animais não humanos e toda a Natureza.

As plantas estão feitas para os animais e estes para os homens. Domesticados, prestam-lhes serviços e alimentam-no; no estado selvagem contribuem, se não

¹⁷ GÊNESES. 1:24-28 apud SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 176.

¹⁸ ARISTÓTELES. apud SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 177.

*todos, a maior parte pelo menos, para a sua subsistência e para satisfazer as suas diversas necessidades, fornecendo-lhes vestidos e outros recursos. Se a Natureza nada faz incompleto, se nada faz em vão, é necessário admitir que tenha criado tudo isso para o homem.*¹⁹

Há ainda uma outra escola e um outro importante fundador: Pitágoras. Ele era vegetariano e incentivava seus discípulos a respeitarem os outros animais. Esse breve comentário está aqui, assim como em Singer, simplesmente para mostrar que uma outra visão da relação homem / animal não é visão recente, ao longo do tempo diversos pensadores dedicaram seus estudos a esse tema. Entretanto, *“foram as convicções de Aristóteles, e não as de Pitágoras, que passaram para a tradição ocidental posterior.”*²⁰

Sendo o império romano o berço do cristianismo, faz-se importante discorrer sobre a moral romana, muito bem delimitada – àqueles situados dentro da esfera de preocupações morais, dava-se muito valor à justiça e ao respeito; já àqueles externos a esse limite, dava-se a oportunidade de entreter milhares de pessoas nos chamados “jogos olímpicos”. Peter Singer relembra o caráter belicoso daquele império, constantemente envolto em lutas de conquista e defesa de territórios, além disso, as artimanhas dos poderosos para ludibriar a maioria empobrecida - imortalizadas na máxima do “Pão e Circo”. Usa, em citação, o historiador W. E. Lecky, do século XIX, para compreendermos a extensão da brutalidade envolvida nos jogos romanos, de como era normal a morte de animais e de certos humanos (prisioneiros de guerra e criminosos).

O combate simples (entre gladiadores) acabou por se tornar insípido, tendo sido necessário conceber toda uma variedade de atrocidades para estimular o interesse decrescente. Numa ocasião, um urso e um touro, acorrentados um ao outro, rolavam sobre a areia, num combate feroz; noutra vez, lançaram-se criminosos envoltos em peles de animais selvagens a touros enlouquecidos pela aplicação de ferros em brasa ou pelo arremesso de dardos com pontas embebidas em resina ardente. No tempo de Calígula, chegou a matar-se quatrocentos ursos num único dia (...) No tempo de Nero, quatrocentos tigres lutaram com touros e elefantes. Num único dia, o dia da dedicação do Coliseu a Tito, foram abatidos cinco mil animais. Sob o domínio de Trajano, os jogos chegaram a durar cento e vinte e três dias consecutivos. Por

¹⁹ ARISTÓTELES. apud SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 177.

²⁰ SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 177.

forma a incluir um carácter de novidade ao espetáculo, foram utilizados leões, tigres, elefantes, rinocerontes, hipopótamos, girafas, touros, veados, e até crocodilos e serpentes. E também não faltou nenhuma forma de sofrimento humano (...) Durante os jogos de Trajano lutaram dez mil homens. Nero iluminava os seus jardins, à noite, com cristãos a arder, envoltos nas suas túnicas embebidas em resina. No tempo de Domiciliano, obrigou-se um exército de anões fracos a defrontar-se (...) O desejo de sangue era tão imenso que um príncipe tornar-se-ia menos impopular se negligenciasse a distribuição de milho do que se negligenciasse a organização dos jogos.²¹

É com esse pano de fundo que se desenvolve o Cristianismo e o conceito, regatado do judaísmo, de imortalidade da alma humana, o carácter sagrado da vida humana – e somente a vida humana. Essa noção contribuiu muito para a expansão da esfera moral romana a todos os seres humanos, todavia, perpetuou o domínio humano no mundo e a inferiorização dos outros seres. O fosso entre homem e animais parecia aumentar cada vez mais; o próprio Novo Testamento, no qual Deus atua de forma mais benevolente para com os homens, consegue desconsiderar ainda mais os não humanos que o Antigo Testamento. A mensagem é clara: somente os humanos têm alma, somente eles devem estar nas nossas preocupações, o restante está aqui para nosso uso, nosso proveito – desconsideremo-los.

Após ressaltar que alguns romanos e alguns cristãos se preocuparam e escreveram sobre a compaixão humana em relação aos animais, apesar da atitude geral e de não conseguirem ‘desviar o curso do pensamento cristão’; Singer se detém pormenorizadamente a São Tomás de Aquino. S. Tomás é importante, pois sua obra une teologia e filosofia, além da duradoura influência de suas idéias na posição da Igreja Católica Romana, no específico dos animais. Para este estudo, no entanto basta que captemos a amplitude do alcance da igreja Católica, de seus conceitos disseminados pelo mundo, impregnando até mesmo as mentes de cientistas. As idéias de que o homem é o único feito à semelhança de deus, de que é o perfeito; que os animais irracionais são assim, imperfeitos e estão para servir simplesmente, não sendo errado mata-los e mesmo não importando qualquer crueldade infligida a eles.

Detenhamo-nos no início da era moderna. Com o Renascimento e o advento do pensamento Humanista, poderíamos imaginar a condição dos animais não humanos

²¹LECKY, W. E. apud SINGER, P. **Libertação Animal**, p. 178.

viesses a melhorar, afinal é a era da razão, das descobertas empíricas. Entretanto, humanismo não está relacionado com humanitarismo, é, antes disso, a exaltação do homem, de sua posição central no universo, de suas capacidades físicas e intelectuais. Mais uma vez o homem se separa dos outros animais, rebaixa-os.

*Mas o nadir absoluto ainda estava por vir. O último, mais bizarro e – para os animais – mais doloroso resultado das doutrinas cristãs surgiu na primeira metade do século XVII, por via da filosofia de René Descartes. Descartes era um pensador claramente moderno. É considerado o pai da filosofia moderna e também da geometria analítica, na qual tem origem grande parte da matemática moderna. Mas era também cristão, e as suas convicções relativamente aos animais derivaram da combinação destes dois aspectos do seu pensamento.*²²

Uma estranha combinação, da razão com a fé – muitos dizem que usou da religião para escapar de uma condenação como herege, que não conseguiu levar suas idéias às últimas consequências. Mas a verdade é que suas teorias mecanicistas respaldaram – e respaldam – atrocidades feitas contra os animais. Para Descartes tudo que tinha matéria era regido por princípios mecanicistas, por leis calculáveis, assim como o funcionamento de um relógio. Tudo, menos os humanos; esses, além do corpo físico, da matéria em si, têm uma alma imortal, uma consciência que não advém da matéria – portanto não são meras máquinas. Já os animais o são, meras máquinas, autômatos, sem dor, prazer, interesse. Como bem analisa Peter Singer, essa “*solução para o problema da localização da consciência num mundo materialista*”²³ pode parecer paradoxal, porém trouxe vantagens em diversas esferas. Prevenia qualquer conduta imoral, por se acreditar que não há vida após a morte, ou um prestar de contas da alma; Deus não pareceria tão tirânico por deixar sofrer os animais, eles nunca sofreram pois eram como relógios; não seria necessário qualquer pesar ao se comer tais animas-máquinas. A maior vantagem, naquele momento, no entanto dizia respeito às experiências feitas com animais vivos.

Batiam nos cães com perfeita indiferença e troçavam daqueles que se apiedavam das criaturas, como se elas sentissem dor. Diziam que os animais

²² SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 186.

²³ SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 187.

*eram relógios; que os gritos que emitiam quando eram golpeados era o ruído de uma pequena mola que tinha sido accionada, mas o corpo não tinha sensibilidade. Pregavam as quatro patas dos pobres animais a tábuas para os dissecar e observar a circulação do sangue, que constituía o tema da conversa.*²⁴

Entretanto, essas mesmas experiências mostraram uma certa incoerência nessa idéia cartesiana de que os animais fossem meros autômatos. A partir daí, vemos uma intenção benevolente para com os animais, de usá-los de forma gentil, todavia sem alterar o domínio humano, seu poder e superioridade perante os animais. Vários autores dedicam-se a essas análises, mas é Bentham o primeiro a “denunciar o domínio do homem como tirania, não o considerando governo legítimo.”²⁵

Uma obra decisiva é *A Origem do Homem*, de Charles Darwin, publicada em 1871, na qual estende claramente a sua teoria da evolução aos humanos, provando que esses também advinham de outra espécie, de *outro animal*. Ia por terra a convicção de sermos criaturas especiais, feitos à imagem de Deus. Darwin desconstrói tal idéia e ainda mostra, em suas investigações, que as diferenças entre homens e animais não eram tão grandes como se imaginava.

*Vimos já que os sentimentos e intuições, emoções diversas e faculdades como a amizade, a memória, a atenção, a curiosidade, a imitação, a razão, etc., de que o homem se orgulha, podem observar-se em estado nascente, e por vezes bastante desenvolvidas, nos animais inferiores.*²⁶

Diante de tão importante e detalhada fundamentação científica, imaginar-se-ia uma vultuosa modificação no tratamento e no uso dos animais, mas todos esses esforços foram simplesmente teóricos. Para Singer, apesar de alguns ganhos como a fundação em 1824 da primeira organização fiscalizadora do bem estar animal, tais trabalhos teóricos e uma intenção de benevolência para com os animais, não se mudou a concepção de inferioridade dos animais. Mais ainda, pouquíssimos autores

²⁴ Testemunho da época. apud SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 188.

²⁵ SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 190.

²⁶ DARWIN, C. apud SINGER, P. *Libertação Animal*. p. 192.

enfrentaram o debate sobre o comer animais, forma de exploração e sofrimento bastante óbvia, e o não comer, como solução igualmente evidente. Muitos textos parecem conduzir a uma proposta de mudança na dieta alimentar, mas antes disso, ‘surge’ algum pretexto, uma nova consideração, ou uma diferente qualificação.

Embora a idéia da nossa posição no mundo tenha sido substancialmente alterada relativamente às concepções primitivas que analisamos, no que toca à matéria prática que diz respeito ao modo como agimos relativamente aos animais pouco mudou. (...) Permite-se que os seus interesses sejam considerados apenas quando não entram em conflito com os interesses humanos. Se existir conflito – mesmo que este seja entre uma vida inteira de sofrimento de um animal não humano e a preferência gastronômica de um ser humano -, opta-se por ignorar os interesses dos não humanos. A atitude moral do passado está demasiado profundamente enraizada no nosso pensamento e nas nossas práticas para ser perturbada por uma mera alteração do nosso conhecimento de nós e dos outros animais.²⁷

O historiador Keith Thomas, em seu livro ‘O homem e o mundo natural’, no qual discorre sobre as atitudes humanas relativas às plantas e aos animais, vem corroborar e aprofundar toda essa análise histórica do especismo, feita por Singer. O recorte histórico de Thomas situa-se entre 1500 e 1800, era que definitivamente dá as bases para o pensar e sentir atuais. Logo no início de sua explanação, mostra como no princípio da era moderna o valor atribuído aos animais era negativo, para que, por contraste, as especificidades humanas fossem exaltadas. Essa diferenciação bastante definida convém como justificativa para a caça, a domesticação, o hábito de comer carne e especialmente para a vivissecção. Keith Thomas aponta que esse traçar de uma linha divisória entre homem/animal, acabou por separar também os homens.

No início da era moderna havia na Inglaterra grupos exclusivos, como a Família do Amor, de quem se dizia no período elisabetano que ‘qualquer um que não pertença à sua seita é visto por eles como um animal sem alma’. Mas igual atitude de exclusão do outro se notava, em escala ainda maior, face aos povos ‘primitivos’ que não dispunham de atributos como os que também faltavam aos animais: tecnologia, linguagem inteligível, religião cristã.²⁸

²⁷ SINGER, P. **Libertação Animal**. p. 196.

²⁸ THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. p. 49.

Como ele mesmo constata, assim se demonstrava a preocupação que diz respeito ao modo de tratar os animais. Frequentemente era dita errada a crueldade para com os animais, pois essa poderia induzir a comportamento igual perante outro humano. Distinguiam-se três categorias para os animais: comestíveis e não-comestíveis, ferozes e mansos, úteis e inúteis. Todas as três conjugam um valor instrumental dado aos animais; os que se comem, os que se caçam, os escravizados, e alguns inúteis aos quais podemos simplesmente odiar ou amar. Na verdade, até hoje, nossas discussões referentes ao bem estar animal muitas vezes se apóiam na utilidade deste para o homem.

De qualquer maneira o desenvolvimento dos estudos em História Natural e de fisiologia animal contribuíram bastante para uma diminuição desse fosso entre homens e animais; assim como contribuiu para questionar o olhar antropocêntrico direcionado à natureza. Já no final do século XVII, era comum atribuir-se várias características humanas aos animais, como razão, inteligência, linguagem e sociabilidade. Também, diversos filósofos, como John Stuart Mill (seguidor utilitarista de Bentham), acreditavam que, não fosse a opressão humana, muitos outros animais poderiam progredir em suas ‘capacidades intelectuais’, cabendo à espécie humana o papel de, simplesmente, aquela que conseguiu se aprimorar.

Desse modo assentava-se um sério golpe na doutrina da singularidade humana. E esta veio a ser ainda mais questionada devido à descoberta da evolução biológica do homem. Desde os gregos antigos, havia uma tradição segundo a qual o homem descendia dos animais. Vigorosamente contestada pelo cristianismo, tal noção contou, no entanto, com uma vida subterrânea nos círculos intelectuais, vindo à luz periodicamente nos escritos daqueles que tinham contacto com as obras de Diodoro de Sicília, Lucrécio e outros pensadores cétricos da Antiguidade.²⁹

Uma grande parte deste trabalho de Keith Thomas é dispensada ao elencar das mais diversas crueldades praticadas contra os animais. Tais atos nem eram considerados cruéis; como o autor determina, a crueldade mais freqüente no caso dos animais, era a indiferença – para a maioria das pessoas, eles estavam longe de qualquer consideração moral, a dor sentida por eles era assunto de interesse menor. O supracitado comentário do autor é importante, pois mostra que o pensamento relativo aos animais nunca foi homogêneo, a preocupação em incluí-los em nossa esfera moral existe há muito, apesar de, ainda, não ter alcançado a maioria social. A própria crítica ao antropocentrismo e a

²⁹ THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. p. 158.

teoria evolutiva de Darwin não alcançaram a maioria, demoraram a serem aceitas tais concepções. Como bem se sabe, o curso da história não é linear, a mentalidade das pessoas não é exatamente a mesma a todo momento; o valioso é entender que as mudanças que se operam nas sensibilidades para com os animais.

(...)os processos puramente intelectuais precisavam ser estimulados pela transformação social externa. O triunfo da nova atitude esteve estreitamente vinculado ao crescimento das cidades e à emergência de uma ordem industrial em que os animais se tornavam cada vez mais marginais ao processo de produção.³⁰

O crescimento das cidades e a industrialização certamente trouxeram mudanças para os animais, assim como para os homens e para a paisagem ‘natural’. Trouxeram, também, novos conflitos e debates.

O processo de industrialização e de desenvolvimento tecnológico foi-se aperfeiçoando dessa maneira, acirrando as relações existentes entre homem/meio ambiente, cidade/ natureza, ricos/pobres, sensibilidade/racionalidade, educação/trabalho... A divisão mundial do trabalho é, hoje, bem definida – há aqueles que produzem matérias primas ou basicamente industrializadas, há os que são mão de obra do setor terciário em escala global e há aqueles responsáveis pelos produtos industrializados, pelas tecnologias de ponta, pela pesquisa científica. Não existe necessidade de alongar esta explicação: os últimos dessa lista são os donos do mundo, os “países de 1º Mundo”, os exportadores de formas e estilos de vida, especialmente os Estados Unidos da América, com seu espírito conquistador e sua vontade de vencer e dominar.

Estamos importando uma ideologia na qual tudo é mercadoria; a importância de algo não é medida por seu valor em si, mas por seu valor de uso ou de troca. A exploração industrial dos animais e da Natureza é mais uma das consequências desse atual modelo de desenvolvimento. Em um mundo no qual se prima por desenvolvimento a qualquer custo (custo aqui entendido como consequência, por que se entendido como custo monetário, é sempre preferido o menor gasto), em que se usam termos como “o Mercado ditou” ou “o Mercado não favorece esse tipo de iniciativa” – um nome próprio para designar algo que muitas vezes nem se entende o que é. Em um mundo assim, a ciência é também rendida à pura e simples aplicabilidade comercial. Os

³⁰ THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. p. 217.

avanços tecnológicos existem e são muitos, mas ainda morrem milhões de crianças por diarreia.

O conceito de tecnociência, discutido por Hermetes Reis Araújo, na apresentação do livro “Tecnociência e Cultura”, cabe aqui por definir esse processo pelo qual passa a construção científica. A ciência, hoje, não mais é contemplativa ou reflexiva; ela é matemática, experimental, regida e talvez dominada pelo mundo do operatório, por seus instrumentos de investigação e, principalmente submetida aos interesses de seus “operadores” ou “incentivadores” - os novos mecenas. A tecnociência é a ciência intimamente conectada à técnica, estabelecendo relação direta com o mundo real, dependente dele e de sua própria técnica.

*O termo se apresenta como uma caracterização do movimento de inovação permanente e investimento financeiro que recobre o planeta de novos artefatos tecnológicos e de novos mercados, e visa sobretudo assinalar uma interdependência entre as ciências e as técnicas no saber contemporâneo.*³¹

Há de se ter cuidado para não cometermos um erro de análise muito comum; entender tal desenvolvimento tecnocientífico como já fora de nosso controle, detentor de ‘um poder demiúrgico’. Melhor dito, esses avanços são reflexos de nossas concepções de mundo, são a concretização de relações estabelecidas e constantemente renovadas – relação entre os homens, entre eles e a natureza e entre eles e os outros animais.

*Nem determinismo técnico e científico, nem determinismo social e político, a tecnociência aparece como o vetor dinâmico da cultura material contemporânea, em seu movimento que se ramifica pelo laboratório, pela fábrica, pelo meio ambiente e pelas residências dos cidadãos. Compreendê-la, significa compreender como se formam, se estabilizam ou se deformam essas ramificações e relações de uso, de troca e de poder que envolvem sujeitos e objetos. Não existe uma realidade exterior àquelas das ciências e das técnicas, sobre a qual, justamente, as ciências e as técnicas viriam se sobrepor. O que não significa o estabelecimento de uma racionalização totalitária cuja marcha nada poderia deter, pois as relações natureza, ciência, técnica e sociedade são permanentemente construídas, e isso nos dá abertura para agir.*³²

³¹ ARAÚJO, H. R. **Tecnociência e Cultura**. p. 11.

³² ARAÚJO, H. R. **Tecnociência e Cultura**. p. 13.

De encontro com essa perspectiva de permanente construção há a análise do pensador Félix Guattari. Suas proposições sobre a ecologia em si, a política envolvida e as práticas necessárias a uma mudança, são bastante complexas e envolvem muito mais do que radicalismo nas políticas públicas. Segundo ele, apesar da parcial consciência dos perigos que ameaçam o meio ambiente, o discurso e as ações ainda se atêm à esfera dos danos industriais, criando-se complicadas tabelas e gráficos de compensação dos estragos já feitos e daqueles que estão por vir.

*Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.*³³

Ecosofia é o termo que usa para indicar a articulação ético-política necessária ao esclarecimento dessas questões ecológicas, vistas por um prisma abrangente e conectivo, da subjetividade humana, do meio ambiente e das relações sociais. Alerta para a necessidade de uma profunda mudança no modo de vida humano, individual e coletivo, interno e externo; desenvolver-se práticas específicas que levem à modificação do ser humano no mundo e consigo mesmo. Em última análise, podemos dizer que Félix Guattari está a criticar nossas concepções mecanicistas, mas talvez sem discordar inteiramente de nossa tradição antropocêntrica.

Se tivéssemos a real noção de interdependência de todos os organismos, idéia da infinidade de conexões que se estabelecem naturalmente; aperceberíamos-nos do tamanho da influência de um simples ato cotidiano adotado. É pensando nessa enorme teia de relações que um dos argumentos levantados pelo Movimento de Libertação Animal perpassa a preservação ambiental, são temas intimamente ligados. Por isso mesmo é estranho ler a Agenda 21: uma nova ética para o desenvolvimento, e não encontrar uma única referência à criação extensiva do gado ou à monocultura de grãos para alimentá-los. A pressão pela derrubada progressiva da floresta Amazônica está intimamente ligada à expansão da fronteira agrícola e à necessidade constante de novos pastos para o rebanho. Mais uma vez, Peter Singer resume bem a situação:

³³ GUATTARI, F. *As três ecologias*. p. 9.

*desde 1960, 25% das florestas da América Central já foram derrubadas para a criação de gado. Uma vez derrubada a vegetação, os solos pobres vão suportar a pastagem por alguns anos; depois disso, porém, é preciso encontrar novos pastos. O cerrado toma conta das pastagens abandonadas, mas a floresta foi destruída para sempre.*³⁴

No já comentado documento do Fórum brasileiro de ONGs e movimentos sociais, há uma visível diferenciação dos animais aos quais cabe preservação, daqueles aos quais cabe exploração - em prol do tão sonhado desenvolvimento sustentável. Alguns argumentos parecem total e completamente descolados da realidade. Quando se fala da pesca, por exemplo, a atividade pesqueira sustentável seria aquela praticada por pequenos produtores, em busca da sobrevivência... A realidade é que se não estivermos num outro modelo econômico, esse pescador logo se tornará prisioneiro de alguma grande empresa; ou terá de vender sua força de trabalho, ou será obrigado a comprar da dita empresa todo o aparato técnico para exercer sua atividade.

Na Constituição Brasileira, a partir de 1988, passa a constar um capítulo sobre o meio ambiente. "*Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.*"³⁵ Bastante mais radical do que essa idéia do meio ambiente como bem dos homens e da necessidade de preservação simplesmente para garantirmos uma boa qualidade de vida, o Biocentrismo nega à espécie humana qualquer superioridade em detrimento de todos os outros ciclos vitais da Natureza. No pensamento Antropocêntrico, os homens, a cultura e a sociedade têm lugar privilegiado, sendo a Natureza mero habitat. Para os Biocentristas, uma visão esclarecida inverteria tal dinâmica; "*Todos os ciclos vitais, no contexto de uma Natureza despida de hierarquias de valor, ficam no centro, como valor absoluto. O homem é um elemento a mais dentro de uma Natureza englobante.*"³⁶

³⁴ SINGER, P. *Ética prática*. p. 303.

³⁵ Constituição Federal, Cap. VI, art. 225.

³⁶ BARBOSA, L. N. e DRUMMONT, J. A. *Os direitos da Natureza numa sociedade relacional*. p. 274

O texto de Enzo Scandurra, “Natureza e Cidade”, publicado em 2000, traz uma importante contribuição ao debate acerca de ecologia, urbanismo e racionalidade. Segundo o autor, é imperativo que se reestabeleçam as bases de pensamento e de conduta, afim de realmente encontrar avanços na relação homem/meio ambiente.

Começa o texto criticando a banalização das “questões ecológicas”; é a questão do século, estampa jornais, periódicos especializados, são feitos grandes tratados internacionais, é assunto comentado tanto em universidades como em bares e condomínios. Apesar do frenesi e das ações cotidianas (carros com catalisadores, lâmpadas de baixo consumo, reciclagem de lixo....), contesta ele que, em verdade, mantemos a antiga postura de dominadores perante o mundo:

continuamos a fazer aquilo que sempre fizemos e também continuamos a acreditar naquilo que sempre acreditamos: que o mundo é exclusivamente da nossa espécie sapiens, que o desenvolvimento é sempre positivo, que as guerras, às vezes, são necessárias (algumas são “humanitárias”), que é necessário ‘socorrer’ os povos “subdesenvolvidos” e redimi-los, como nós, ocidentais, que a ciência e a tecnologia nos salvarão e que certos erros que cometemos como a poluição, as matanças, a destruição de ecossistemas, as guerras, devem ser, certamente, esconjurados, mas que a espécie sapiens trará solução...cedo ou tarde..³⁷

O trecho acima já é indicativo da descrença do autor nessa ‘salvação’ através da tecnologia e da razão – nos moldes atuais. Julga necessária uma outra epistemologia do pensar e do agir, uma outra concepção de mundo, uma mudança no modo como conhecemos e sentimos o mundo; o autor se refere a valores a muito enraizados – sentirmo-nos a espécie eleita, a busca por controle, os saberes fragmentados que nos impedem de ver e sentir o mundo como um todo. A idéia de que é somente através da racionalidade que podemos analisar e compreender as coisas, somada ao desenvolvimento atual de nossa civilização – a que chama “técnico-científica-industrial-midiática” – nos fizeram afastar cada vez mais da coexistência com o mundo natural – o que só aumenta o afastamento de nós mesmos, e de uma boa parte de nossa essência.

resulta imediatamente evidente que a vida não importa, que se tornou, num certo sentido, desambientada no esquema dos métodos e formas de compreensão científica do moderno estudo da natureza. A vida, com seu

³⁷ SCANDURRA, E. **Natureza e cidade**. p. 136.

*horizonte interior – aspiração, consciência, sentimentos, dor e prazer, sucessos e fracassos, - não está de acordo com nenhuma destas categorias de comportamento das moléculas, átomos e substâncias inorgânicas.*³⁸

Não está ele a repudiar o desenvolvimento tecnológico, nem a propor que voltemos a morar em fazendas, somente assinala que todo o peso que a ele delegamos nos impede de ao menos cogitar essa outra epistemologia; hoje, parece evoluir como um macrossistema vivo, dada sua rapidez, e nos parece que quase tudo é justificado – alargando cada vez mais os sentidos do ético – se for em prol desse desenvolvimento técnico-científico. Quase em tom de alerta, o autor reafirma a necessidade de reavaliação profunda dos caminhos que seguimos:

*o lento processo de civilização da espécie desemboca, assim, numa nova deriva autoritária, bem mais perigosa e ameaçadora que todas as outras precedentes, porque é baseada na subsunção do ser vivo, na redução à mercadoria midiático-informática, na colonização de cada imaginário, enfim, da própria vida. Não basta, para isso, conforme afirmam muitos economistas sensíveis à preocupação ecológica, modificar os índices de desenvolvimento ou elaborar novos índices de riqueza humana que levem em consideração a natureza. As retroações ambientais impõem, hoje, a adoção de um olhar diverso e de uma autocritica radical de nossas idéias errôneas sobre a natureza e sobre nós mesmos.*³⁹

Para Scandurra, o grande erro da atual visão de mundo é entender a natureza como o outro, não incluir-se nela o homem, não sentir-se parte integrante do todo. A tecnologia é necessária para ‘salvar’ o homem do meio inóspito ao qual não sobreviveria, daí a cidade como refúgio artificial; o problema é que essa ‘gigante prótese mecânica’, por mais cercada e lubrificada, está inserida num meio para além de nossas intenções de controle. A crítica fundamental aqui é à idéia ocidental de raciocinar a partir de dualismos e separações, em detrimento do exercício da noção de interconexão entre partes do sistema. Dessa forma, entende Ecologia como aquele saber preocupado em perceber tais nexos e contextos que unem partes de um dado sistema.

Nessa perspectiva de compreender o mundo como uma teia de acontecimentos correlacionados, apresenta-se, agora, o vegetarianismo como proposta de ação direta

³⁸ SCANDURRA, E. **Natureza e cidade**. p. 137.

³⁹ SCANDURRA, E. **Natureza e cidade**. p. 139.

individual. Como já ficou explicitado, o consumo da carne de animais relaciona-se com vários problemas enfrentados pela civilização contemporânea; a desenfreada pilhagem dos ecossistemas naturais e os conseqüentes danos provenientes disso – aquecimento global, desertificação de áreas imensas, poluição dos solos, das águas e do ar, destruição de florestas – além de representar um sistema de produção de alimentos economicamente inviável, dado o enorme gasto energético das indústrias de criação intensiva de animais. Se estivermos preocupados com nosso próprio futuro na Terra, e intentarmos diminuir o sofrimento de um número escatológico de seres, temos, assim, a obrigação moral de não dar suporte à prática comum de comer carne. O vegetarianismo e, em especial, o veganismo⁴⁰ são formas de boicote a uma concepção de vida e de mundo já institucionalizadas, negativas ao próprio homem, aos animais, à natureza, ao mundo como um todo. Continuar o consumo de carne é reforçar e contribuir para tal decadência. Uma média de 10 bilhões⁴¹ de animais é assassinada ao ano, nos Estados Unidos, em fazendas industriais, vivem uma vida de privação, humilhação e dor – sendo a morte somente o último sofrimento.

No próximo capítulo, discorrerei sobre o Iº Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino Americano, realizado no Memorial da América Latina, em São Paulo. Ficarão registradas as palestras e as discussões de importantes autores e ativistas, e de forma geral, as impressões e percepções do encontro. Estender-se-á, com base nas falas de determinados congressistas, à análise de seus textos e de outros correlatos, afim de aprofundar as idéias de exploração industrial e vegetarianismo contrapostas.

⁴⁰ Veganismo: postura ética que prima pelo menor possível consumo de produtos animais. Além do boicote alimentar, são excluídos itens os quais foram testados em animais, peles, couro e toda uma gama de produtos que contém algum tipo de ingrediente ligado à exploração animal.

⁴¹ SINGER, P. e MASON, J. *The way we eat*. p.V .

*O vegetariano não é aquele que se abstém do consumo de carne, o vegetariano, isto sim, é aquele que se alimenta de valores humanos e fraternos, em última análise é o despertar da poesia, do lúdico, de o apego à natureza e seus valores. O vegetariano é aquele que questiona sobre a vida que leva, sobre os valores que cultua e sobre o alimento que o mantém.*⁴²

⁴² RONEY, P. A **ética jurídico ambiental**. cassete sonoro.

Ativismo, denúncia e transformação.

Rodoviária. Multidão, correria, excitação, expectativa. Desembarcar em São Paulo foi o ápice de uma sensação iniciada 600 Km antes. Liberdade; como deve se sentir o pássaro ao sair da apertada gaiola, quando pode finalmente esticar suas asas, abri-las ao máximo para ganhar o mundo.

Começa o 1º Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino Americano, situado no Memorial da América Latina; serão cinco dias de acaloradas discussões, diferentes premissas e argumentos embasando a mesma atitude de não comer outros animais. *"Stuart Mill escreveu que todos os grandes movimentos passam por três fases: ridicularização, discussão, adoção. Estamos na fase de discussão."* Essa foi a resposta dada por Tom Regan, há algum tempo, quando perguntado sobre o porquê da recusa de muitas pessoas em admitir os princípios éticos contidos na postura vegetariana. Segundo Marly Winckler, presidente da Sociedade Vegetariana Brasileira e organizadora do evento, a intenção é reunir vegetarianos em discussão.

Cerca de 60 palestrantes brasileiros e estrangeiros, entre nutricionistas, médicos, pesquisadores, professores, filósofos, ativistas, instrutores de ioga e representantes de diversas escolas e culturas, estarão debatendo os aspectos nutricionais, éticos, filosóficos, ambientais e religiosos da dieta vegetariana.⁴³

O frio da manhã paulistana parece esticar a pele do rosto – o sorriso também. Chega o táxi, contato feito pelo site do congresso para já iniciar a jornada no clima pró-animais. Reinaldo, o taxista vegano – 100% vegan, mandou bordar em todas as suas camisas de trabalho – deve ter seus 40 anos e é a expressão da simpatia. Seu táxi é a expressão do ativismo com vários adesivos e panfletos espalhados contando-nos as atrocidades vividas pelos animais. Comunicativo, adorou o interesse por sua história: era sozinho, meio infeliz, sem muitos propósitos na vida, sentia que precisava mudar, não sabia o quê. Para aliviar a tensão do trânsito, nadava; associara-se a vários clubes da cidade, e foi numa dessas piscinas que conheceu Luiza - sua 'madrinha' no veganismo. Leu as indicações de Luiza, começou a frequentar os restaurantes veganos da cidade, foi a reuniões para discussão; percebeu que era àquilo que queria se dedicar, era àquelas

⁴³ WINCKLER, M. *Programação do congresso*. p. 1.

pessoas que queria se conectar, parou a carne, o leite, os ovos; como ele disse: “eliminei todo um corredor do supermercado, o corredor da crueldade.”

À noite, foi oferecido um jantar pré-congresso para os participantes, o “Rango Vegano”, que acontece, na verdade, a cada 15 dias. No cardápio, a entrada é um vídeo sobre a indústria da carne, vivissecção ou alguma outra forma de exploração. Os pratos principais, dessa noite seriam: cozido de grão de bico com abóbora, arroz integral e salada; e para sobremesa interessantes conversas e trocas de experiências. Não era cobrada entrada, mas pedia-se uma contribuição de dois reais para o jantar, uma vez que os organizadores – o grupo “Veganas” – não tem patrocínio algum. O local era o Instituto Jovem, no qual já estavam hospedadas algumas pessoas para o congresso; é uma ONG que se propõe como centro de interação do jovem paulistano, as mais diferentes tribos encontram ali espaço para suas reuniões, suas festas, suas exposições.

O que se via, ali, era uma profusão de ideais, ideologias combinadas definindo um discurso e uma prática radicais e extremamente críticos. A maioria não chegou ainda aos 20 anos; exalando uma energia rebelde e contestatória, conjugam anarquismo, veganismo, movimento straight edge. O embasamento teórico não é prioritário – muitos deles não leram nem o mais conhecido livro de P. Singer – o que pode comprometer a própria ação, uma vez que o discurso fica vazio e superficial; a fonte de informações é basicamente a troca direta de experiências e a Internet. Apesar disso, o que deve ser ressaltado é esse número crescente de jovens engajados, sensíveis a essa nova questão, formando, cada vez mais, uma base importante de reprodução e fomentação da crítica ao atual modelo industrial de exploração dos animais.

O pequeno grupo carioca “Vegan Staff”, composto por seis membros, é um exemplo de tal engajamento. Promovem panfletagens e protestos, em conjunto com outros grupos de ação direta, nas portas de circos, de rodeios, laboratórios e centros de exposição de animais. Recentemente, mobilizaram alguns membros para uma intervenção em um teatro do Leblon. Nele, se apresentava uma atriz que havia divulgado em entrevista que usava sim casacos de pele e que não se importava nem um pouco com os animais mortos por esse motivo. A estratégia de ação: vários ativistas sentam em diferentes locais da platéia; um deles, sentado mais à frente, sobe ao palco, com tinta vermelha, derrama-a no chão e denuncia – “este é o sangue dos animais que morreram para que você possa usar um casaco de peles!” - Neste momento, os outros ativistas se levantam um a um, como se fossem expectadores também indignados –

“como? Essa atriz usa peles de animais! É um ultraje! Assassina! – então todos saem do teatro, boicotando o espetáculo. Segundo uma integrante do grupo, eles foram violentamente vaiados, mas continuaram a protestar do lado de fora do teatro – onde ouviram mais algumas opiniões de moradores da região (zona sul? – classe média, alta), um só exemplo sintetiza o teor: “ eu tenho 18 casacos de pele, e, se pudesse teria 36.” A ação pode parecer boba, mas, em verdade, foi uma iniciativa interessante, ousada e criativa; a qual, como mostram as vaías, causou impacto e repercussão.

Muitas vezes criticados por teóricos, tais protestos são importantes, pois chamam a atenção da mídia para a causa, ao mesmo tempo em que mostram a verdade para várias pessoas que não fazem idéia do que acontece com os animais. Um vídeo disponibilizado, hoje, na Internet⁴⁴, documenta a libertação de mais de 30.000 “minks”, futuros casacos de pele. A invasão desta “fábrica” russa, e a libertação desses animais, não significam que ali não mais morrerão minks, outros serão capturados. O objetivo de ações como esta é, primeiramente, causar prejuízo aos proprietários do estabelecimento, também, como já foi dito, trazer mais atenção à causa e mais informação sobre a vida e a morte de animais indefesos.

Na manhã seguinte, a abertura oficial do Congresso. O local do encontro, o Memorial da América Latina, é, em si, bastante representativo com suas formas arredondadas e extremamente modernas. Na explanação inicial, Marly Winckler já deixa claro que o preconceito não terá lugar; são vários os motivos que levam alguém a ser vegetariano, e, neste encontro, todos serão ouvidos. De qualquer maneira, não é objetivo deste trabalho expor todas essas correntes; falar-se-á, rapidamente do encontro em sua totalidade, todavia, a atenção será concentrada àquelas discussões mais contestatórias, do ponto de vista filosófico, de práticas cotidianas e do próprio movimento em defesa dos animais.

A primeira palestra assistida foi ministrada pela veterinária, formada na USP, Sheila Waligora, intitulada “A ética no ensino da medicina veterinária: por que mais veterinários não são vegetarianos?”⁴⁵ Entendendo que os alunos ingressantes nas faculdades de medicina veterinária, o fazem pelo amor que têm pelos animais, a

⁴⁴ <http://aeliberation.net/media/video/30tmink.wmv>.

⁴⁵ WALIGORA, S. **A ética no ensino da medicina veterinária**. cassete sonoro.

palestrante indaga tal diferenciação – uns são tratados, outros são comidos – mais ainda, discute a questão ética envolvida nas aulas práticas com animais vivos.

Inicia a apresentação falando da grande influência exercida sobre nós, muitas vezes sem nos apercebermos disso, pela sociedade, pela mídia em geral e por nossa família e nossa escola – os primeiros núcleos aos quais pertencemos. As crianças, desde cedo, aprendem a entender como algo normal e natural o ato de comer carne; por estarem no meio urbano, ainda mais, se dá uma desconexão entre o animal vivo e aquele pedaço já cozido de carne. A idéia de desconexão é central nos argumentos de Sheila Waligora, uma vez que encara isso como o marco fundamental para o tratamento dado aos animais e para a dificuldade na aceitação da proposta vegetariana. Ela cita o exemplo da sobrinha, que ao ver a ordenha de uma vaca, pela primeira vez, disse imaginar que o leite já vinha direto na caixinha. A veterinária questiona a platéia: quer saber quem teve, quando criança, uma “educação do coração”. Apesar de o termo mal escolhido, pois pode-se entender que esteja ali falando de sentimentalismos infundados, ela está se referindo à educação humanitária – que tenta unir o intelecto aos sentidos, à sensibilidade, mostrar essas conexões perdidas na atualidade. Ao final da palestra, Waligora retoma este conceito, entendendo como necessário à mudança de perspectiva que intentamos.

Para além da questão de comer ou não os animais, é imperativo, que avaliemos a maneira como nos relacionamos com os animais, como os criamos, como os usamos, como se dá o abate – reflexões ainda mais importante para o médico veterinário, como ressalta a palestrante. Durante os cinco anos da faculdade, os alunos são ensinados a separar os animais em categorias: os de circo, os domésticos, os de abate, os de laboratórios, os peçonhentos, os selvagens. O futuro veterinário, então escolhe em que área irá trabalhar – e a essa altura da palestra, Waligora já admitiu que muitos escolhem esta profissão baseados não somente em amor, mas na oportunidades do mercado de agronegócios - com animais de pequeno ou grande portes, com pesquisa, na inspeção de frigoríficos... como consequência dessa categorização, que não é feita somente por veterinários, nutrimos diferentes sentimentos por esses animais. Aos domésticos, de companhia, damos amor; sentimos indiferença por animais de corte; sentimos nojo dos insetos (que, na verdade aparecem como indicador da organização nada sábia de nossas cidades); e nos mantemos o mais longe possível dos animais selvagens.

O estudante de veterinária aprende a cuidar desses diferentes animais, sem que se faça uma crítica real ao modo como vivem. O exemplo dado por Waligora, dos porcos e galinhas de granja, que vivem confinados, é a expressão da falta de reflexão. Os veterinários aprendem simplesmente a tratar e controlar – com doses cada vez maiores de antibióticos - as inúmeras doenças que acometem esses animais, amontoados numa verdadeira linha de produção, estressados, machucados. Também aprendem a aumentar a produtividade desses animais, com ingestão massiva de hormônios e testes genéticos. Não há crítica, são pouquíssimas as faculdades que oferecem disciplinas ligadas à ética. Há uma progressiva dessensibilização, reforçada, na faculdade, pelas aulas práticas, nas quais os alunos treinam cirurgias em animais vivos. Ainda pior do que submeter o animal a uma cirurgia, que, muitas vezes é desnecessária e não acompanhar o processo pós-cirúrgico, é a prática comum de reutilização do animal, sendo ele operado duas, três vezes em um mesmo dia. Esses animais passam a se vistos como meras coisas, objetos inanimados, e não mais como seres vivos.

os alunos normalmente não se rebelam e saem da aula quando vêem animais sendo usados na sala. A gente tem esse pacote, da Igreja, e, enfim, da sociedade, esse mito da autoridade, que a gente não poderia ir contra, principalmente na faculdade. Você tem que se formar, tem que ter a presença e, se faz parte do currículo você vai lá e assiste as aulas e pronto. Muita gente sente e sofre, por que por um lado a gente sofre de ver um animal que a gente gosta lá na mesa, muitas vezes tratado de forma indigna, mas o que acontece é que a gente se cala, isso causa um conflito muito grande dentro da pessoa, muito grande. E, como eu não tenho o que fazer com isso, o final disso é uma dessensibilização, que é o que se vê. Eu tenho um exemplo meu, da minha faculdade, de um grande amigo. A gente teve um semestre em Pirassununga, tinha aula prática lá. Parte de uma aula nossa era matar uma galinha para fazer não lembro o quê, então eles davam para o estudante treinar como matava uma galinha quebrando o pescoço. Esse menino estava brincando, tudo na brincadeira, tudo é uma brincadeira. E ele estava brincando e puxou muito forte e ficou a cabeça em uma mão e o corpo na outra, e ninguém, ninguém, teve uma reação contra isso. Um riu, outro riu, aí foi cada um para um lado. Isso não foi considerado uma coisa séria, uma coisa grave, algo que não poderia ser feito, que a gente deveria então pensar sobre aquilo. Era uma brincadeira, 'arrancou o pescoço, e aí, o que tem demais' é uma coisa, não é uma vida.⁴⁶

⁴⁶ WALIGORA, S. A ética no ensino da medicina veterinária. cassete sonoro.

Em oposição a essas idéias de brincadeira, de coisa, e de sujeição à autoridade, Waligora cita um aluno de medicina veterinária australiano que se recusou a participar de toda e qualquer aula que utilizasse animais vivos. A esse aluno foi dito que para sua graduação era estritamente obrigatória a presença nessas aulas, mas após uma batalha judicial, foi-lhe concedida a liberação das aulas sem ônus algum para sua formação. Segundo a palestrante, esse aluno, hoje, ensina educação humanitária, e foi ele responsável pelo início do debate a respeito de tais práticas. Todavia, como ela mesma alerta, vê-se iniciativas desse tipo, mas não se vê mudança real cotidiana – nas faculdades e na sociedade como um todo. *“A ordem econômica ainda se sobrepõe às questões humanas e ambientais.”*⁴⁷

No ensejo da discussão nas Ciências Biológicas, convém dedicar atenção à bióloga Tamara Bauab Levai. Apesar de não estar na lista de palestrantes, esteve presente em todos os dias do encontro, anotando, questionando, conversando. Tamara é vegana, autora do livro *“Vítimas da ciência: limites éticos da experimentação animal”*, ao qual dispensaremos algum tempo.

Com bastante rigor teórico, Tamara discute a experimentação de forma contundente, não poupando os leitores de exemplos cotidianos dos laboratórios. Começa definindo vivissecção: *‘operação feita em animais vivos para estudos fisiológicos’*⁴⁸ - mas já adverte que essa é apenas uma das práticas laboratoriais as quais são submetido os animais – e utiliza o conceito de sofrimento da International Association for the study of Pain: *sensação desagradável e experiência emocional associada à danificação física atual ou potencial nos tecidos que constituem o organismo*”. A partir daí, desenvolve a crítica à experimentação animal, embasando seu texto em estudos que comprovam a capacidade de sentir e de raciocinar dos animais, nos estudos sobre ética, e, principalmente, nos atuais avanços tecnológicos que possibilitam novas formas aprendizado e de pesquisa.

(...) os infelizes animais, uma vez presos a aparelhos de contenção, acabam sofrendo verdadeiro ritual de tortura: inoculações de vírus e cancos, amputações de membros, escaldamentos e dissecações, cirurgias bizarras e

⁴⁷ WALIGORA, S. *A ética no ensino da medicina veterinária*. cassete sonoro.

⁴⁸ LEVAI, T. B. *Vítimas da ciência*. p. 11.

propositadas lesões físicas, tudo isso em vida. Abrem-se-lhes o crânio, extirpam-lhes o cérebro ou destroem-no com substâncias químicas. Têm os órgãos mais sensíveis feridos ou retirados; o intestino costurado, a uretra ligada, a medula espinhal seccionada; os nervos expostos e, o que é mais doloroso, submetidos a descargas elétricas, tudo isso para viabilizar teses acadêmicas de questionável valor científico e, acima de tudo, mover poderosos ramos da indústria.⁴⁹

Esses ‘poderosos ramos da indústria’ matam cerca de 800 milhões de animais por ano para supostos benefício humano e progresso científico. Não cabe aqui discorrer sobre os teste mais recorrentes feitos em animais; o mais importante é a questão levantada pela autora, de pensarmos na real validade destes experimentos e a quem realmente beneficiam. A cada ano, por exemplo, são colocados à venda 15 mil novos medicamentos – e 12 mil são retirados das prateleiras; hoje à no mercado mais de 150 mil remédios. É um negócio extremamente lucrativo, ainda mais que a maior parte desses remédios não tem uma consistente inovação tecnológica, sendo como ‘derivados’ de outros. As pesquisas da indústria cosmética seguem essa mesma linha, milhares de ‘novos’ produtos para a pele, os cabelos, as unhas, nos quais a maior diferenciação é a verba empregada em publicidade, e, em todos eles são feitas experimentações – lidas nos rótulos como ‘testados em animais’ ou testados dermatologicamente’. Como se não bastasse tamanha tortura imprimida aos animais, em prol de objetivos já tendenciosos, as pesquisas com cobaias estão se mostrando cada vez mais ineficazes, seus resultados não servindo totalmente aos casos humanos.

Se os animais não fumam, não bebem álcool, não usam drogas, se não têm estresse ou insônia, por que induzi-los ao vício ou à fadiga? Os pesquisadores, entretanto, se encarregam de provocar uma situação anômala para, depois, tirar suas conclusões, como se a reação orgânica fosse a mesma no homem e no animal.⁵⁰

Os questionamentos a respeito da legitimidade da utilização de cobaias, como já vimos, são feitos há muito, com tentativas de, ao menos, diminuir o sofrimento daqueles animais. Nessa perspectiva se insere a chamada doutrina dos “3Rs” - conceitos

⁴⁹ DIAS, E. C. apud LEVAI, T. B. **Vítimas da ciência**. p. 12-13.

⁵⁰ LEVAI, T. B. **Vítimas da ciência**. p. 21.

propostos, em 1954, por Charles Hume, fundador da UFAW (Federação de Universidades para o Bem Estar Animal) – Reduction, Refinement, Replacement (Redução, Refinamento e Substituição). Em suma, a intenção, perante a comunidade científica, é de reduzir o número de cobaias analisando pormenorizadamente cada pesquisa proposta, seus objetivos e sua validade. Diminuir o sofrimento das cobaias, proporcionando instalações adequadas para elas, e a possibilidade de contato social entre elas, ter-se o acompanhamento de supervisores especializados, e, principalmente, utilizar sempre analgésicos e anestésicos no decorrer dos experimentos. Ainda, substituir o uso de animais, quando possível, por técnicas alternativas, especialmente na fase inicial das pesquisas. Deve-se ressaltar que a proposta dos 3Rs tem de ser entendida como provisória, um primeiro passo necessário, dada a concepção alienada da indispensabilidade dos testes em animais vivos. A autora, então elenca vários outros métodos a serem usados tanto em pesquisas científicas como no ensino.

- 1. Cultura de tecidos, células e órgãos humanos em recipientes, interagindo com a droga proposta, para estudar os efeitos no organismo do homem;*
- 2. cromatografia espectrometria de massa para dividir drogas em seu menor nível molecular a fim de identificar suas propriedades;*
- 3. modelos mecânicos e simuladores para ensinar e para testar. Simuladores já existem para o coração e pulmões, e para os sistemas circulatório e respiratório. Pesquisas visando à confecção de simuladores para o resto do corpo deveriam ser estimuladas;*
- 4. pesquisas de doença existentes em culturas de outros povos, estilos de vida, dietas, estudos de casos humanos, relatórios de necropsias e análises estatísticas dos efeitos de vários fatores na incidência da doença;*
- 5. placentas humanas descartadas poderiam ser usadas para a prática de cirurgia microvascular; além disso, podem fornecer dados químicos precisos referentes à sensibilidade aos produtos químicos;*
- 6. voluntários humanos poderiam ser pagos para participar de estudos controlados de dietas, vitaminas e condições que afetam a velocidade da doença;*
- 7. audiovisuais podem ser usados para ensinar estudantes da área médica. A centralização de dados existentes pode fornecer mais fácil acesso aos resultados da pesquisa desenvolvida.⁵¹*

⁵¹ LEVAL, T. B. **Vítimas da ciência**. p. 45-46.

Encerra o livro com a visão otimista de que o passo mais importante – o questionamento – já foi dado; há várias leis municipais, estaduais e mesmo na Constituição consta a preocupação com o bem estar das cobaias, também, cada vez mais universidades formam Comissões Éticas para regular o uso dos animais. Tamara delega aos novos pesquisadores a função de alterar a perspectiva da necessidade desse uso cruel de animais em laboratórios e salas de aula. *“que num futuro próximo não seja mais necessário sacrificar criaturas inocentes para garantir o bem-estar da humanidade”*.⁵²

Outra bióloga presente no congresso, Paula Brügger, concentrou sua exposição na crítica às visões antropocêntricas e mecanicistas, argumentando que é essa perspectiva de mundo a responsável pela relação predatória que estabelecemos com a Natureza. Primeiramente, ela determina que a relação dada entre homem/ animal é, antes de tudo, expressão da relação homem/ Natureza; e a crise ambiental se assenta na incapacidade de se conceber a existência de outros modos de se relacionar com o meio ambiente natural.

A sociedade industrial e seus modos de produção seguem o modelo cartesiano, no qual questões teóricas e filosóficas se perdem, primando-se por um pragmatismo instrumental. A natureza é, dessa forma, vista como uma grande fábrica, um conjunto de recursos e instrumentos para o uso humano. Para a autora, a vivissecção representa, sob esse olhar, o grau extremo dessa racionalidade antropocêntrica; os animais transformados em ferramentas, objetos simplesmente, sem valor intrínseco.

Toda a crítica de Brügger vem para introduzir, o que ela chama de ‘ignorância culta’, a fé cega de cientistas e intelectuais no modelo mecanicista. É o modelo que domina o meio acadêmico e respalda quaisquer ações, sem que, antes disso, se questione os próprios pressupostos e fundamentos da ciência. Brügger se alia a vários outros opositores da vivissecção ao declará-la uma completa fraude. Fraude, primeiramente, por sermos diferentes – animais humanos e não humanos. Os ratos de laboratório, por exemplo, não tem vesícula biliar, a função da placenta é totalmente diferente, vivem de dois a três anos, enfim, existem discrepâncias anatômicas, metabólicas, fisiológicas. Além disso, há estudos que mostram que não há controle total das variáveis de um experimento. A idade, o peso, a linhagem e até mesmo o meio no

⁵² LEVAI, T. B. *Vítimas da ciência*. p. 73.

qual a cobaia é submetida ao teste, todos esses elementos podem alterar os resultados, ficando difícil fundamentar um estudo no qual nenhum dos componentes é controlado.

É uma contestação extensa e profunda, e não cabe aqui aceitá-la ou denegri-la; cabe tentar absorver sua proporção, que está além da preocupação com os animais e com a vivisseção, é questionar o próprio modelo de conhecimento no qual nos embasamos. Um conhecimento que é predominantemente analítico e mensurável, que marca de forma bem definida sujeito e objeto. Em oposição à visão reducionista cartesiana, a qual pretende compreender os seres e o mundo analisando-os separadamente, como engrenagens compartimentadas, a palestrante propõe uma ‘visão sistêmica’, na qual considera-se a idéia de redes alinhadas formando totalidades. Além da substituição do conceito de desenvolvimento sustentável pela idéia de sociedades sustentáveis.

*[...] a gente vive em um mundo dominado pelo especismo, que unido, ao hedonismo - ou seja, essa busca pelo prazer estúpido que a gente tem - e a nossa falta de altruísmo, então todos esses 'ismos' formam um pacto com a destruição e com o sofrimento. E são traços culturais que levam fatalmente à autofagia, à auto destruição [...]*⁵³

De encontro a essa argumentação, insere-se o jurista Paulo Roney e suas considerações a respeito do ser vegetariano e da visão holística de mundo. Proposições corrosivas, perturbadoras mesmo, pois questionam conceitos e atitudes repetidos e introjetados há muito. A visão holística, em suma, diz respeito à noção de interdependência entre as partes de um todo; entender essas conexões inserindo-se nelas – o humano, seu corpo, sua sensibilidade, sua psique fazendo parte de uma teia de relações com o mundo, com o universo.

O problema fundamental, para Roney, é a não percepção humana de que ao falarmos de natureza e ecologia estamos falando de algo não somente externo ao humano, mas falamos de nós mesmos. Somos um gigante ecossistema ambulante. Sua argumentação pode parecer, num primeiro momento, delírios de um hippie sobrevivente da década de sessenta, mas na verdade é fortemente embasada nas reflexões do físico

⁵³ BRÜGGER, P. **Mecanicismo e antropocentrismo**. cassette sonoro.

Fritjof Capra.⁵⁴ Critica também o consumo industrial, descuidado; se não cuidamos de nós mesmos, de nosso corpo, de nossa saúde, não cuidaremos do outro, não cuidaremos do meio ambiente. Dessa forma, o vegetariano é elevado à condição de catalisador de mudanças, aquele que tem consciência do que come e do que faz a si e aos outros. *‘ser vegetariano é assumir um compromisso com a humanidade’*⁵⁵. A paz, tópico tão discutido nos últimos anos, não será alcançada sem o vegetarianismo; a carne e qualquer alimento de origem animal, contém níveis elevados de testosterona – e o acúmulo desse hormônio produz visíveis alterações comportamentais. É necessária a adoção de novos modos de vida, baseados na inclusão, na compaixão e na solidariedade. O equilíbrio não será alcançado, se continuarmos com esse modelo de sociedade bélico e excludente, que elimina simplesmente aquilo que não lhe convém. Por isso mesmo os conceitos holísticos e ecológicos são tão importantes, já que nos mostram diferentes dimensões de interdependência – não sobreviveríamos, por exemplo, sem todas as bactérias que habitam nosso intestino.

Mais uma vez, a medicina curativa, química e violenta – atrelada aos interesses da indústria farmacêutica – é posta à prova. Vivemos na era das doenças, do corpo, da mente, do mundo e, obviamente, se prefere curar a prevenir, dado o retorno financeiro proporcionado. O câncer pode ser extirpado, mas se não houver uma mudança no estilo de vida do paciente, ocorrerá metástase e o tumor voltará – e o tumor, nada mais é do que acúmulo de toxinas, é a defesa produzida pelo organismo, para que não se morra de intoxicação crônica. Da mesma forma, podemos aprovar leis que regulem a emissão de gases nocivos, ou, ainda mandarmos para zoológicos os animais em extinção; o câncer que destrói o planeta e corrói as relações somente perderá força quando descermos do pedestal antropocêntrico.

O palestrante entende o vegetarianismo como atitude profundamente subversiva e revolucionária, uma vez que contesta as estruturas de poder estabelecidas. Ainda mais, o boicote vegetariano a todos os produtos de origem animal ou neles testados, é fator determinante para a mudança de perspectiva – somente quando se tornar

⁵⁴ Capra discute ecologia profunda, desligada da perspectiva antropocêntrica; analisa, também os impactos devastadores para essa concepção humana de superioridade e exclusividade que advieram das descobertas da microfísica, da exploração dos mundos atômicos e subatômicos.

⁵⁵ RONEY, P. A *ética jurídico ambiental*. cassete sonoro.

economicamente inviável tal produção é que assistiremos uma definitiva alteração na relação do homem com os animais.

A revolução é individual; não há como obrigar uma pessoa a mudar sua postura diante o mundo, alterar o modo de tratamento dispensado aos animais, ou mesmo, modificar sua dieta. O que se pode fazer é educar, apresentar esses novos olhares por sobre nossas relações e, mais ainda, denunciar todo o sofrimento imposto aos animais e suas conseqüências para a humanidade. Gramsci já dizia que as pessoas somente mudam suas concepções de mundo por meio de fé, de "doutrinação". Dessa forma, o discurso de muitos vegetarianos ativistas – intelectuais orgânicos - encontra respaldo a medida em que, minimamente, põe em questão um diferente modelo de pensar ou agir.

O Instituto Nina Rosa é conhecido por fazer este trabalho de elucidação de ‘simplórios’. Fundado em 2000, após mais de seis anos de trabalhos voluntários desenvolvidos pela presidente Nina Rosa Jacob, se dedica à educação humanitária e à valorização da vida animal, incentivando a responsabilidade perante a natureza, aos animais e à humanidade. Produz material educativo – cartilhas, livros, vídeos – realiza e subsidia projetos ligados ao bem estar animal. Tem o reconhecimento e a parceria da Secretaria de Saúde da São Paulo e do Centro de Controle de Zoonoses.

Dentre os vários projetos desenvolvidos, pode-se citar o vídeo “A carne é fraca”, o qual questiona o consumo de animais na alimentação, mostrando o caminho percorrido pelo ‘bife’ antes de chegar ao prato; fala, ainda, do abate industrial de galinhas e porcos e da vida de privação das galinhas poedeiras. O conteúdo do vídeo é bastante chocante, tanto pelas imagens, como pelas colocações de diversos entrevistados – que argumentam a respeito do consumo de carne em diferentes vertentes (postura ética de respeito aos animais; danos ao meio ambiente causados pela pecuária; e malefícios da ingestão de carne e derivados). Mais voltado para crianças, o ‘Kit Fulaninho’, tem um vídeo de 18 minutos no qual é relatada a vivência de um cãozinho abandonado, abordando o tema da posse responsável dos animais de estimação; um caderno de brincadeiras, com atividades lúdicas para crianças de três a doze anos; e um manual pedagógico, desenvolvido para professores e pais, com sugestões de atividades dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esse kit, elaborado em 2001, que visa a sensibilização das crianças e foi adotado pela Prefeitura do Município de São Paulo, através das Secretarias da Saúde e da Educação, integrando o ‘Programa Para Viver de Bem com os Bichos - Proposta de uma São Paulo Saudável para Homens e Animais’.

Está em mais de 600 escolas públicas e foi trabalhado nos últimos dois anos por mais de 300.000 alunos. O Instituto Nina Rosa não tem fins lucrativos e, aparentemente, todos os seus recursos provêm da contribuição dos afiliados e da venda dos materiais educativos.

Dando continuidade às críticas mais ferozes, e às opiniões que mais nos acrescentam, temos a filósofa Sônia Felipe, da Universidade Federal de Santa Catarina. Em sua fala, retoma com brilhantismo o conceito de especismo e de ética, além de fazer uma rápida retrospectiva histórica para introduzir suas considerações.

O foco de sua apresentação é a luta política travada em defesa dos animais; e sua crítica está baseada na percepção de que, hoje, esta luta não é fundamentada a partir do conceito de igual consideração de interesses.

Nós ainda defendemos os animais através de um viés afetivo e emocional. Nós ainda elegemos certos animais para destinar a eles o nosso cuidado e o nosso respeito e continuamos desprezando todos aqueles que não tem a aparência deste animal eleito por nós. Por conta disso que ocorre em nosso tempo, nós vamos ter ao redor do planeta, a luta em defesa dos animais como sendo, em primeiro lugar, uma luta que não acontece em todos os lugares ao mesmo tempo, e uma luta que não é a luta em defesa do mesmo animal ao mesmo tempo em todos os movimentos. Então nós temos uma intermitência no movimento político de defesa dos animais.⁵⁶

A filósofa não se prende à questão da descontinuidade de projetos em defesa animal, a questão é compreender esse fato que ocorre dentro mesmo do movimento. É discriminação, é especismo – e não está a dizer que esse problema é brasileiro, é característica da luta pelos animais ao redor do planeta. Assim, propõe que se defina especismo de duas maneiras: o especismo elitista e o especismo eletivo. O primeiro acompanha a definição já estabelecida por R. Ryder, de a elite homo sapiens racional discriminar outras espécies; o segundo é a eleição baseada na predileção pessoal pela defesa de uma dada categoria de animal e não todas.

Há aqueles que defendem baleias, golfinhos, cetáceos, mas passam a faca e sangram os porcos; há os que defendem cães abandonados nas ruas, mas passam a faca e sangram porcos; há os que defendem seus gatinhos siameses, mas passam a faca, sem dó nem piedade, em porcos.⁵⁷

⁵⁶ FELIPE, S. **A redefinição do estatuto moral e jurídico dos animais**. cassete sonoro.

⁵⁷ FELIPE, S. **A redefinição do estatuto moral e jurídico dos animais**. cassete sonoro.

Se, os defensores das baleias compreendem que é moralmente injustificável maltratar esses animais, e muitos ainda comem outros animais, somente se pode concluir que a defesa daqueles animais não é feita baseada no princípio moral de igualdade, é uma luta que ainda discrimina, seja pela configuração anatômica ou fisiológica, ou por despertarem predileções sentimentais. A luta política deve ser travada em nome da igualdade, da não discriminação e da não violência; não podemos nos dizer éticos se não considerarmos todos os atingidos por nossas ações.

Se nós chegarmos nesse patamar, de defender os animais pelo princípio da não violência, se estivermos a defender os animais pelo princípio democrático da igualdade, da igual consideração de interesses semelhantes, que é o proposto por P. Singer, então nós teremos alcançado um nível de defesa dos animais no qual nós mesmos, defensores dos animais, não estaremos cometendo discriminação por conta da aparência exterior do animal.⁵⁸

Assistir tais palestras, tantas pessoas conceituadas e credenciadas no meio acadêmico, promove uma certa mudança de perspectiva. Na verdade, somos indagados a respeito dessa nossa ‘perspectiva vigente’; o chão parece se afundar, a partir do momento que grande parte do que sabemos - ou melhor, todo esse saber objetivo, científico, racional e de causalidades diretas – é questionado, é posto à prova. Estamos tão profundamente imersos nesta concepção de mundo e de pensamento que - por mais que nos digamos críticos – não vislumbramos outras possibilidades; e, leiam-se, possibilidades não somente econômicas ou políticas, possibilidades de um outro viver, um outro posicionar-se no mundo, uma outra sensibilidade – um outro *ser* humano.

O Iº Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano foi um marco, para o movimento de defesa animal, para os vegetarianos, para a presente formanda. O Memorial da América Latina organizado em uma estrutura louvável, com palestras em vários auditórios, equipes de som, estandes cobertos por uma enorme tenda, vários expositores e demonstrações culinárias a toda hora. Entretanto, não se pode fugir à crítica.

⁵⁸ FELIPE, S. **A redefinição do estatuto moral e jurídico dos animais**. cassete sonoro.

A Sociedade Vegetariana Brasileira, organizadora do evento em questão, tem como diretriz a difusão do estilo de vida vegetariano, através da educação e propagação de informações concernentes aos benefícios dessa dieta para o ser humano, assim como os danos causados aos animais e ao planeta pela dieta onívora. Para essa difusão, organiza congressos, feiras e eventos em geral. Talvez por isso, grande parte das palestras estivesse focada na alimentação vegetariana; o consumo de leite, outras fontes de vitamina B12, as doenças cardiovasculares... Além disso, as discussões religiosas tiveram, também, um amplo espaço com mestres de yoga, budistas e “profetas do cristianismo do futuro”. O debate acerca do respeito aos animais, em alguns momentos esteve embasado no amor pelos bichinhos queridos, e, em algumas palestras parecíamos estar no lançamento de um livro de auto-ajuda. No entanto, houve – como foi mostrado acima – falas incríveis, de profundo teor filosófico e acadêmico, falas que nos tocam pela capacidade de contestação e de ampliação da reflexão.

Conclusão:

Como o ser humano pode ser capaz de tantas barbaridades? Os vídeos, as fotos e denúncias de grupos ativistas podem parecer panfletários e exagerados, mas não mostram mais do que a realidade imposta aos animais. Ter conhecimento da dor sentida por eles, e, mesmo assim, desconsiderá-la; entendê-la como ‘mal necessário’, parece algo absurdo, ficcional. No entanto, aquilo que é óbvio para uns pode ser distante como o horizonte para outros.

A pesquisa pode ser tida como radical, as palavras podem ser ditas contundentes e extremadas, no entanto, representam o cotidiano de bilhões de animais. Esta formanda e muitos dos autores aqui compilados entendem que a questão da negligente subordinação dos animais pelos humanos é urgente, vital. Mesmo com o distanciamento de pesquisador, vê-se o quão interessante é essa questão, quantas são as abordagens possíveis de estudo e análise. A relação que o homem contemporâneo mantém com a natureza e com os animais conecta-se com várias outras perspectivas e pode nos dar pistas do porquê da brutalidade e do egoísmo visto nas relações entre os humanos. Enfim, a proposta, aqui feita, de reflexão e de pensar encontra respaldo teórico e prático. Pode ser considerada válida como qualquer outro olhar sobre o mundo ou sobre o homem.

A intenção final desse trabalho foi mostrar que a luta pela inclusão dos animais em nossas preocupações morais não é recente, mas que nos últimos anos cresceu muito. Mostrar que cada vez mais pessoas questionam esse modelo de exploração – do homem pelo homem, da natureza pelo homem e dos animais pelo homem – e como a reflexão acerca da relação homem/animal está ligada a uma série de outros assuntos relevantes.

Pode-se adotar o estilo de vida que bem lhe convier; um cético pode querer simplesmente desfrutar os diferentes prazeres do mundo; não se está a questionar a postura escolhida por alguém. O ponto focal da discussão feita ao longo dessas páginas é a idéia da exclusão dos animais não humanos de nosso estatuto ético; como já foi mostrado, a capacidade de sentir dor ou prazer que têm os outros animais além do homem, é requisito básico para ter-se direitos. O que questionam meus interlocutores é a preocupação moral com os outros seres humanos e a flagrante despreocupação com os outros animais.

Trazer à tona tal discussão, e, ainda a sugestão da postura vegetariana como uma saída para diferentes problemas enfrentados na sociedade industrial na qual vivemos, representa um ganho para as reflexões dentro das Ciências Humanas. No entanto, não lidamos com uma questão de fácil teorização, como já disse, as abordagens são muitas. Mais ainda, as próprias intenções dos teóricos do direito animal podem ser questionadas – estarão lutando pela libertação animal ou pela melhora das condições impostas pela exploração? - assim como, o vegetarianismo – nova moda entre os famosos e interessante fatia de mercado para grandes empresas industriais. Muitas vezes, dentro mesmo das análises relacionadas objetivamente ao respeito pelos animais, deparamo-nos com argumentos dirigidos àqueles que intentam uma melhora na saúde.

Assim, a única conclusão a se tirar, é a de que esse foi um primeiro passo, uma breve introdução dessa instigante problemática nas análises do mundo da História. há muito o que se aprofundar e se alargar na reflexão. Cabe a nós, pesquisadores, enxergarmos os anseios, os prazeres e as dores presentes em nossa sociedade – nos homens e nos animais – para a partir daí, refletirmos, colocando em destaque as possíveis interpretações de o que nos trouxe até aqui.

Referências

- ABOGLIO, Ana Maria. **O especismo institucionalizado**. In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.
- ACKEL FILHO, Diomar. **Direito dos animais**. São Paulo: Themis Livraria e Editora, 2001.
- ARAÚJO, Hermetes Reis. **Apresentação**. In: ARAÚJO, Hermetes Reis (Org.). et al. Teociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p.11-22.
- BARBOSA, Livia Neves de Holanda; DRUMMOND, José Augusto. **Os direitos da natureza numa sociedade relacional: reflexões sobre uma nova ética ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14. p. 265-289, 1994.
- BRÜGGER, Paula. **Mecanicismo e antropocentrismo: a vivisseção e a saúde da biosfera**. In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.
- CARNE É FRACA, A. Instituto Nina Rosa, São Paulo, 2005. vídeo cassete (56 min.), VHS, son., color.
- COETZEE, J.M. **A vida dos animais**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A civilização como transformação do comportamento humano**. In:-----, O processo civilizador: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990. cap. 2, p. 65-213.
- FELIPE, S. **Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt**. Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, V.1, n.1, p.207-230, jan. 2006.
- , **A redefinição do estatuto moral e jurídico dos animais**. In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.
- FREITAS, Juarez. **As grandes linhas da filosofia do direito**. Rio Grande do Sul: UCS, 1986.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papirus, 1990.
- JACOB, Nina Rosa. **A compaixão pelos animais**. In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.

LEVAI, Tamara Bauab. **Vítimas da ciência: limites éticos da experimentação animal.** São Paulo: Mantiqueira, 2001.

MARQUEZI, Dagomir. **A mídia e os animais.** In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.

MARTINE, George. **População, meio ambiente e desenvolvimento: o cenário nacional e global.** Planejamento e políticas públicas, Ipea, Rio de Janeiro, n. 7, p. 21-38, jun. 1992.

MASON, Jim; SINGER, Peter. **Food and ethics.** In:----- . The way we eat: why our food choices matter. [S.i.] Rodale, 2006. introdução, p. 3-14.

MOUTINHO, Miguel. **O vegetarianismo como obrigação Ética.** Centro de Ética aplicada da Sociedade Portuguesa de Filosofia, [199-?]. Apostila.

REGAN, Tom. **Defensores dos animais: afinal quem são vocês? E como vocês ficaram assim?** In:----- . Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais. Tradução de Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006. parte I, p. 11-44.

----- . **As metamorfoses.** In:----- . Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais. Tradução de Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006. parte IV, p. 103-225.

RONEY, Paulo. **A ética jurídico-ambiental: o vegetarianismo e o novo paradigma holístico-ecológico.** In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.

SCANDURRA, Enzo. **Natureza e cidade.** In: Dossiê entre natureza e cultura. Margem, São Paulo, n.15, p. 135-152, jun. 2002.

SINGER, Peter. **Libertação Animal.** Tradução de Maria de Fátima St. Aubyn. Porto, Portugal: Via Óptima, 2000.

----- . **Um só mundo: a ética da globalização.** Tradução de: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

----- . **Sobre a ética.** In: . Ética Prática. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994. cap. 1, p. 9-23.

----- . **Igualdade para os animais?** In: . Ética Prática. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994. cap. 3, p. 65-92.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais.** Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WALIGORA, Sheila. **A ética no ensino da medicina veterinária: por que mais veterinários não são vegetarianos?** In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.

WINCKLER, Marly. **O impacto da dieta centrada na carne sobre as pessoas, os animais e o Planeta.** In: Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-americano, 1., 2006, São Paulo. cassete sonoro.